

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

**ELISA GONÇALVES SOUZA**

**MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS NA SOCIEDADE E NAS ARTES**

**CRICIÚMA**

**2023**

ELISA GONÇALVES SOUZA

**MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS NA SOCIEDADE E NAS ARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharela no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA**

**2023**

ELISA GONÇALVES SOUZA

**MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS NA SOCIEDADE E NAS ARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharela, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Criciúma, 22 de novembro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Marcelo Feldhaus  
Doutor em Educação - (UFRGS) - Orientador

---

Profa. Izabel Cristina Marcílio Duarte  
Mestra em Educação (UNESC)

---

Profa. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira  
Mestra em Ciências da Linguagem (UNISUL)

Para todas as mulheres lésbicas desfeminizadas que acreditam no seu potencial, mesmo com todas as dificuldades impostas pela sociedade patriarcal, mas que seguem em frente. Axé!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus e aos meus orixás, que me guiaram durante meu caminho pela universidade, por não me deixarem desistir, e por terem me dado forças para continuar quando minhas oscilações de humor gritavam alto. Me sinto grata pelo percurso da construção dessa pesquisa, essa gratidão me reafirma que concluí uma etapa muito importante da minha vida.

Agradeço minha mãe, minha melhor amiga, pessoa mais importante da minha vida, por todos os momentos que me apoiou e me animou. Agradeço pelas nossas conversas, por me ouvir, me enxergar e principalmente por estar ao meu lado, ter me acompanhado, quando eu não me sentia bem, me fazendo acreditar que era possível. Agradeço-a por ter me acompanhado no meu processo, nos choros, nas angústias, nas montanhas russas de sentimentos, e no desânimo, decorrentes do cansaço existente de trabalhar durante o dia e estudar a noite.

Por fim, agradeço ao professor Marcelo Feldhaus, meu orientador e confidente, pelo norte em meu percurso como graduanda e pesquisadora, por cada conselho direcionado a vida, pelas correções, pela atenção que me deu, pela sensibilidade de compreender onde eu queria chegar com essa pesquisa, por ter me compreendido como pessoa, e por eu ter tido a imensa oportunidade de ter conhecido a pessoa incrível que ele é.

À professora Izabel Cristina Marcilio Duarte, que apesar do pouco convívio durante as aulas de Arte Urbana – Tatuagem e Graffiti, que foram curtas (somente um semestre), mas muito aproveitadas. Pelas nossas conversas sobre o meio lésbico, na oficina “Lésbica como Documento”, ministrada pela artista Leila Pessoa, que nos identificamos em muitos pontos, e que me fizeram perceber que realmente estava no caminho certo em minha pesquisa.

À Professora Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira, grande amiga, para além da universidade, que tive a honra de ter conhecido durante a disciplina História e Cultura da Arte. Seu amplo conhecimento da História da Arte tornavam as aulas tornavam agradáveis e bem aproveitadas, ainda que fossem curtas. Lembro-me bem das aulas ministradas por ela, no início das primeiras fases, havia uma proposta que envolveu a criação de uma *LandArt*. Trouxe, em meu trabalho, referências de uma

escrita do livro “Água Viva” de Clarice Lispector. A obra intitulava-se “Um coração batendo no Mundo”, onde criei um coração humano, com folhas, flores, caule de plantas. Foi uma das atividades que me marcaram durante meu processo de formação. Agradeço a todas nossas conversas, e por sempre me incentivar, me colocando pra cima.

À professora Angélica Neumaier, amiga e confidente, se tornou importante desde a sua primeira aula, lá no começo do curso, no início da pandemia da Covid-19. Angélica foi essencial durante meu percurso pela universidade, tanto que foi minha primeira escolha como orientadora, ainda que não tivéssemos mais aulas durante o percurso. Mas, devido à temática da minha pesquisa e pela abordagem do tema, decidi escolher o professor Marcelo Feldhaus, que ao conhecê-lo me identifiquei também, e pela sensibilidade que teve durante as aulas comigo.

Ainda em relação às aulas e aprendizados com a professora Angélica, lembro-me da oficina de “*Ecoprint* em Papel” que participamos na cidade de Laguna, ministrada pela Artista Nara Guichon. Estas são lembranças que vou carregar comigo ao longo da vida.

Agradeço ainda a professora Odete Angelina Calderan, pela paciência que teve comigo nas aulas de cerâmica e no decorrer do curso. Por compreender as minhas oscilações de humor. Foi à leveza de seus ensinamentos que me fizeram adorar, apreciar e me aprofundar na cerâmica. Você é inspiração!

A todos os demais professores com suas diferentes técnicas e linguagens artísticas, que não mencionei, mas que fizeram parte desse percurso tão importante na minha vida. Cada um foi, peça por peça, contribuindo e me lapidando com seus ensinamentos. Todos os professores foram marcantes e importantes, os levarei no meu coração.

Obrigada a todos!

## RESUMO

A pesquisa está inserida no campo das problematizações sobre arte e gênero. Ocupa-se especialmente em dar visibilidade ao contexto de artistas mulheres lésbicas desfeminizadas<sup>1</sup>, que escapam aos discursos e padrões de feminilidade. Apresenta como problema, investigar como o tema da desfeminização tem sido usado por mulheres artistas lésbicas para problematizar as questões de gênero na arte contemporânea? Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, qualitativa, exploratória, com método cartográfico que mapeou quatro artistas desfem da literatura e das artes visuais cruzando suas produções com o referencial teórico da pesquisa. Dentre as artistas que são contempladas no trabalho, apresento também a minha produção no campo artístico, definindo-me como mulher, lésbica e desfem. Os resultados apontam para a urgência de ouvir outros discursos que ainda se encontram borrados e invisibilizados, tanto no sistema das artes quanto nos demais espaços e instâncias da sociedade. As produções aqui tangenciadas falam da resistência ao patriarcado, da colonização branca e europeia como narrativas hegemônicas de modos de existência. Os resultados apontam para a necessidade de alargar os espaços para que as mulheres lésbicas desfem artistas, que afrontam o sistema estrutural conservador do mundo onde vivemos, tenham as suas produções nos museus, galerias, livros didáticos e artigos científicos da academia.

**Palavras-chave:** Mulheres Artistas. Artes visuais. Lésbicas. Desfeminização.

---

<sup>1</sup> Termo usado para caracterizar mulheres que não performam a feminilidade tradicional e hegemônica, também conhecido como mulheres desfem. O conceito será aprofundado ao longo da pesquisa.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1</b> Retrato de Camille Claudel aos 20 anos, em 1884 .....	10
<b>Figura 2</b> A idade madura (L'Age Mûr-1899).....	13
<b>Figura 3</b> Museu Camille Claudel .....	15
<b>Figura 4</b> Camille Claudel (à esquerda) e Jessie Lipscomb no estúdio em Paris, em meados da década de 1880 .....	16
<b>Figura 5</b> Esboço da Obra.....	22.
<b>Figura 6</b> Karina Fernanda Perez.....	27
<b>Figura 7</b> Parecer de censor veta livro de Cassandra, "Copacabana Posto 6".....	30
<b>Figura 8</b> Auto Retrato de Romaine Brooks em 1923 .....	40
<b>Figura 9</b> Capa da Revista Entendida (2022).....	42
<b>Figura 10</b> Ilha do Velcro (2022).....	43
<b>Figura 11</b> Recorte das entrevistas, Revista Entendida (2022).....	44
<b>Figura 12</b> Recorte das entrevistas, Revista Entendida (2022).....	45
<b>Figura 13</b> Cassandra Rios 1970 .....	48
<b>Figura 14</b> Fuja da Caixa II.....	51
<b>Figura 15</b> Caixa Marcada I.....	52
<b>Figura 16</b> Ilha de Safo.....	53
<b>Figura 17</b> Reprodução do Instagram 1 .....	54
<b>Figura 18</b> Coração de Sampa .....	55
<b>Figura 19</b> Instagram Desfeminilizei.....	56
<b>Figura 20</b> Um coração batendo no Mundo.....	61
<b>Figura 21</b> Corpo Desfem Resiliente .....	62
<b>Figura 22</b> O corpo Desfem: Entre Movimentos Poéticos.....	63
<b>Figura 23</b> O corpo Desfem: Entre Movimentos Poéticos.....	64

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIS – Cisgênero

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

DESFEM – Desfeminizado

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-Binarie

PT – Partido do Trabalhador

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFRGS – Universidade do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS : INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1	METODOLOGIA DA PESQUISA: ENSAIOS CARTOGRÁFICOS .....	19
1.2	MAPEAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA .....	22
1.3	MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS .....	23
<b>2</b>	<b>MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS E AS QUESTÕES DE GÊNERO .....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>ARTISTAS MULHERES DESFEM.....</b>	<b>38</b>
3.1	LEILA PESSOA.....	41
3.2	CASSANDRA RIOS.....	47
3.3	CHEYENNE LUGE.....	49
3.4	ANNE SANTOS.....	53
3.5	ELISA GONÇALVES.....	57
<b>4</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>66</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>69</b>

## 1 MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS: INTRODUÇÃO

Dou início, ao meu processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), relacionando-o ao meu interesse pela história das mulheres artistas. Interesse este, que iniciou com o meu ingresso no Curso de Artes Visuais – Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). A disciplina era a de Genealogia das Artes, 1ª fase, ministrada pela professora Daniele Cristina Zacarão Pereira<sup>2</sup>.

No componente curricular em questão, a professora organizou um seminário envolvendo a proposta de discorrer sobre as mulheres artistas na arte. Na oportunidade me aprofundei sobre a produção artística e a vida de Camille Claudel (Imagem 01), artista francesa, que ganhou seu reconhecimento décadas após a sua morte, foi, e é, uma referência na linguagem da escultura.

**Imagem 1** Retrato de Camille Claudel aos 20 anos, em 1884.



**Fonte:** disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/5136987065073030/>

---

<sup>2</sup> Para conhecer um pouco mais a trajetória da professora e artista Daniele Cristina Zacarão Pereira acesse o link: <http://lattes.cnpq.br/4167474893774003> Acesso em: 07 ago. 2023

Camille Claudel é filha de uma família de fazendeiros e teve dois irmãos, Louise, e Paul, o irmão caçula, que mais tarde se tornou o poeta e dramaturgo Paul Claudel. Desde muito nova, Camille demonstrava interesse pela modelagem de argila, e seu pai a enviou para estudar arte, na Académie Colarossi<sup>3</sup>, uma das poucas academias de arte aberta para mulheres, naquela época (1881). Camille, estudou com o escultor Alfred Boucher<sup>4</sup>, e alugou uma oficina com outras jovens. Em 1883 conheceu Auguste Rodin, que a iniciou na linguagem da escultura.

Por volta de 1884 começou a trabalhar na oficina de Auguste Rodin<sup>5</sup>, e foi assim que o tumultuado e controverso relacionamento de Rodin com Camille começou. Com 19 anos se tornou assistente de estúdio do escultor, foi inspiração para suas obras, sua confidente e também sua amante. Rodin era casado e se recusava terminar seu relacionamento.

Logo após a morte do seu pai, seu irmão Paul decidiu por interná-la em um manicômio. Tal atitude que não condizia com o que Camille queria. Paul em momento algum teve finalidade de apoiá-la no enfrentamento da desilusão amorosa e seu declínio da carreira.

Ainda, é possível observar que naquela época a profissão de escultor/artista era predominante masculina e as mulheres atuavam como modelos vivas. Camille nunca foi citada nas obras de Auguste Rodin, até mesmo quando planejava e esculpia as esculturas. Diante disso, mesmo sendo reconhecida como escultora, seu nome não deixava de ser associado ao Rodin.

Dessa forma, é possível observar que o reconhecimento na área da escultura sempre esteve ligado a Rodin, mesmo quando se igualavam na qualidade de arte.

---

<sup>3</sup> A Academia Colarossi foi uma escola de artes parisiense em atividade entre 1815 e a década de 1930. Saiba mais em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Academia\\_Colarossi](https://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_Colarossi) Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>4</sup> Alfred Boucher foi um escultor francês, mentor de Camille Claudel e amigo de Auguste Rodin. Nasceu em 23 de setembro de 1850, Nogent-sur-Seine, na França. Faleceu no dia 18 de agosto de 1934, em Aix-les-Bains, França. Saiba mais em: [https://gallerease.es/es/artistas/alfred-boucher\\_\\_c167123cc7ab](https://gallerease.es/es/artistas/alfred-boucher__c167123cc7ab) Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>5</sup> Auguste Rodin, foi um escultor francês. 12 de novembro de 1840, Paris, França. Faleceu no dia 18 de agosto de 1934, em Aix-les-Bains, França. Faleceu em 17 de novembro de 1917, Meudon, França. Saiba mais em: [https://www.ebiografia.com/auguste\\_rodin/](https://www.ebiografia.com/auguste_rodin/) Acesso em: 28 ago. 2023.

Camille passava pela ausência de recursos, de apoio, de familiares e sociais, enfrentou uma desilusão amorosa e desvalorização profissional, ainda assim Camille deveria ser considerada como referência na luta das mulheres pela busca de sua autonomia, e valorização profissional, sua trajetória por sua realização pessoal foi marcada por desafios e superação a construção social e histórica relacionando ao ser feminino.

Camille engravidou, porém, perdeu o filho em um acidente, o que a levou a uma profunda depressão e em 1892, terminou seu relacionamento com Rodin. Após este rompimento com Rodin, começou a produzir seus trabalhos mais pessoais. Em uma de suas produções, oito anos após o rompimento com Rodin, apresentou a escultura nomeada de “*A idade madura (L'Age Mûr-1899)*”. Nessa obra um homem se divide entre duas mulheres, de um lado, ele se desprende de uma mulher mais jovem que ajoelhada suplica pelo seu retorno.

**Imagem 2** A idade madura (*L'Age Mûr-1899*)



**Fonte:** <https://historia-arte.com/obras/la-edad-madura>

Nos primeiros anos do século XX, Camille tinha patronos, distribuidores e sucesso comercial. Esse apoio começou a diminuir, pois encontrou pouca aceitação após seu rompimento com Rodin e sofreu um crescente isolamento e pobreza.

Mesmo que ela continuasse sendo atormentada pela depressão, não afetou seu desempenho com suas obras. No entanto, em 1905, Camille destruiu muitas de suas obras, desapareceu por longos períodos e agia de forma paranoica. E, por iniciativa de seu irmão, foi internada no hospital psiquiátrico de Ville-Évrard em Neuilly-sur-Marne. O formulário de admissão dizia que sua internação havia sido “voluntariamente” decidida por ela, mas não foi assinada por ela, e sim por um médico e por seu irmão (Gonçalves, 2023).

Camille Claudel faleceu no dia 19 de outubro de 1943, depois de ter vivido 30 anos no asilo em Montfavet, sem nunca ter recebido a visita de sua mãe ou irmã. Camille tinha uma relação de pouca proximidade com seu pai, conforme descreve Gonçalves (2023).

Encontramos nas plataformas de vídeo, dois filmes baseados na história de vida de Camille Claudel, sendo eles: O filme “*Camille Claudel*” (França, 1988 - California Filmes) <sup>6</sup> que relata a vida da escultora, com direção de Bruno Nuytten e a participação de Isabelle Adjani na interpretação de Camille e Gérard Depardieu como Rodin.

Já o segundo filme, “*Camille Claudel, 1915*” (2013) <sup>7</sup>, dirigido por Bruno Dumont, à atriz Juliette Pinoche interpreta Camille em 1915, já internada.

A escultora ganhou um museu em sua homenagem, o Museu Camille Claudel<sup>8</sup> conforme apresenta a imagem 02. Construído na antiga casa da família da artista, em

---

<sup>6</sup> Para conhecer um pouco mais sobre o filme *Camille Claudel* (França, 1988) acesse o link: [https://www.youtube.com/watch?v=o0hApbf8\\_Ek](https://www.youtube.com/watch?v=o0hApbf8_Ek) Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>7</sup> Para conhecer um pouco mais sobre o filme *Camille Claudel* (1915) acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=WPWho4Jp8vk> Acesso em: 16 ago. 2023.

<sup>8</sup> Para conhecer um pouco mais sobre o Museu Camille Claudel, acesse o link: <http://www.museecamilleclaudel.com/fr> Acesso em: 16 ago. 2023.

Nogent-sur-Seine, acerca de 100 km de Paris, o museu preserva 44 trabalhos de Camille, metade dos que sobreviveram ao tempo (Gonçalves, 2023).

**Imagem 3** Museu Camille Claudel



**Fonte:** Conexão Paris (2023)

A artista foi reconhecida pelos críticos da arte e escritores como um gênio da escultura (imagem 04), pois conseguiu tencionar questões estruturais, como por exemplo, desenvolver sua pesquisa e produção artística mesmo com as questões do machismo e sexismo.

Camile Claudel abre a pesquisa porque ao retomar as memórias afetivas, que pouco a pouco constituíram essa pesquisa, a lembrança deste encontro com a artista que foi oportunizado a partir de uma disciplina do Curso de Artes Visuais e o desenvolvimento de um trabalho acadêmico, me fazem pensar que muitas outras mulheres artistas travam suas lutas contra o preconceito e a misoginia, tanto nas artes como na sociedade em geral, percorrendo caminhos por vezes tortuosos.

**Imagem 4** Camille Claudel (à esquerda) e Jessie Lipscomb no estúdio em Paris, em meados da década de 1880.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/526499012667602330/>

Nesta direção, a autora, historiadora de arte, e escritora Linda Nochlin (1971, p.23) quando indagada sobre o porquê não existem grandes mulheres artistas nos escreve:

[...] A pergunta “Por que não houve grandes mulheres artistas?” nos leva à conclusão, até agora, de que a arte não é a atividade livre e autônoma de um indivíduo dotado de qualidades, influenciado por artistas anteriores e mais vagamente e superficial ainda por “forças sociais”, mas sim que a situação total do fazer arte, tanto no desenvolvimento do artista como na natureza e qualidade do trabalho como arte, acontece em um contexto social, são elementos integrais dessa estrutura social.

Linda Nochlin, apresenta uma reflexão sociológica, para a suposição do fracasso de mulheres na arte. A falha, segundo a autora, não está precisamente em ser homem ou mulher, mas sim na educação e nas instituições sociais. Linda

demonstra que a produção artística depende de condições culturais e sociais que sejam favoráveis, ao contrário das condições vivenciadas Camille Claudel em boa parte da sua vida, uma vez que viveu em condições desfavoráveis, assim como muitas outras mulheres contemporâneas, vivem atualmente.

Estes desafios também se refletiram e se refletem no meu cotidiano. Durante a minha trajetória na vida e no decorrer na vida acadêmica na universidade, sempre observei a pouca representatividade lésbica nas disciplinas ofertadas e nas próprias discussões nos eventos e seminários. Ou ainda temas que fossem voltados a outras siglas da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-Binarie (LGBTQIAPN+). É importante destacar que, especialmente nos últimos anos, algumas questões que permeiam as discussões de gênero e sexualidade foram introduzidas nos ementários das disciplinas e nos eventos do Curso de Artes Visuais e da Universidade, porém, há espaço para avançar. Entendo que há uma grande presença feminina na área das artes, muitas vezes borradas ou desfocadas pela estrutura preponderantemente patriarcal. Entendo que a desigualdade de gênero ainda é acentuada nas artes, fato que amplia ainda mais quando se trata de mulheres lésbicas desfeminizadas.

A desfeminação refere-se à subversão ou ruptura das tradicionais expectativas de gênero ligadas ao feminino. No universo artístico, proponho o uso deste conceito como ferramenta crítica para questionar normativas de gênero e ressaltar a pluralidade de suas expressões. Mulheres artistas lésbicas, especificamente, frequentemente desafiam estereótipos e enfrentam discriminação decorrente de sua identidade de gênero e orientação sexual. Ao se debruçar sobre a produção artística de lésbicas brasileiras, percebe-se uma escassez de referências, apesar da contínua resistência dessas mulheres em busca de reconhecimento e valorização em um cenário que, muitas vezes, prioriza homens, ou ainda mulheres que correspondem aos padrões de beleza em vigência na sociedade. Em pesquisas primárias, em diferentes sites da internet e livros de história da arte, é comum encontrar relatos sobre lesbofobia, seja nas artes visuais ou em outras formas artísticas, indicando que tal discriminação persiste na atualidade e que há espaço para pensar outros modos.

Nesta pesquisa, ocupo-me a documentar mulheres artistas, especialmente nas artes visuais, que desafiam esses padrões convencionais de feminilidade. Acredito que, ao abrir uma fresta para colocar o tema em visibilidade na academia, pode contribuir àquelas que estão começando a explorar sua sexualidade e produção artística, mostrando-lhes que tais vivências são possíveis e válidas, e que o campo da pesquisa e da produção em arte são possíveis.

Considerando este contexto, proponho como problema de pesquisa investigar: **Como o tema da desfeminização tem sido usado por mulheres artistas lésbicas para problematizar as questões de gênero na arte contemporânea?**<sup>9</sup> O objetivo geral da pesquisa assim se constitui: **Investigar de que maneira a desfeminização é empregada por artistas lésbicas na arte contemporânea, buscando compreender como essa abordagem contribui para a problematização e reflexão sobre questões de gênero no panorama artístico atual.**

No panorama contemporâneo da arte, a representação e expressão de gênero têm sido constantemente revisitadas e desafiadas, com artistas explorando e subvertendo os tradicionais parâmetros de feminilidade e masculinidade. Dentre essas abordagens, destaca-se o uso da desfeminização por artistas lésbicas como uma potente crítica, ainda que sem uma visibilidade que considero necessária. Portanto, para orientar a exploração do problema de pesquisa, algumas questões norteadoras são propostas: Como as mulheres artistas lésbicas incorporam a desfeminização em suas obras? De que maneira essa abordagem desafia as concepções estabelecidas de gênero na arte contemporânea? Em que medida a desfeminização, presente na arte dessas mulheres, amplia a representatividade e visibilidade da diversidade de expressão de gênero? E, finalmente, quais temas e técnicas predominam nas obras de artistas lésbicas que adotam a desfeminização como parte de seu repertório expressivo?

Já os objetivos específicos da pesquisa, assim se desenham: Analisar como as artistas lésbicas contemplam o conceito e prática da desfeminização em suas produções artísticas; Investigar a forma pela qual a desfeminização, como adotada

---

<sup>9</sup> Grifo meu. Ao longo do texto o leitor encontrará termos negritados com o objetivo de destacá-los na escrita.

por artistas lésbicas, confronta e desafia as concepções tradicionais de gênero presentes na arte contemporânea; Avaliar o impacto da desfeminização na ampliação da representatividade e visibilidade da diversidade de expressões de gênero na arte contemporânea, considerando a influência e o alcance das obras dessas artistas no cenário artístico e na sociedade; Mapear os temas e técnicas predominantes nas obras de artistas lésbicas que abordam o tema da desfeminização.

### 1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA: ENSAIOS CARTOGRÁFICOS

A pesquisa está inserida na linha "Processos e Poéticas: Linguagens", conforme prevê a Resolução n. 38 de 2014<sup>10</sup> do Curso de Artes Visuais Bacharelado. Esta linha enfoca as concepções teóricas e os processos de criação que permeiam as linguagens artísticas, dando especial atenção à arte, suas linguagens e aos contextos que circundam os fenômenos visuais. A abordagem promove um estudo aprofundado e integrado desses aspectos, permitindo uma compreensão ampliada dos processos criativos e das diversas manifestações artísticas na contemporaneidade.

Inserir-se ainda na área de Ciências Humanas, com natureza básica, além de ter o caráter de natureza exploratória e se faz por uma trajetória de abordagem qualitativa. Maria Helena Michel (2005, p.36) destaca que a pesquisa científica deve explorar “[...] o mundo físico, estudando, analisando, registrando, interpretando e descrevendo os fatos[...]”. Em conjunto, a abordagem qualitativa permite compreender o olhar das partes envolvidas a respeito dos fenômenos que os cercam, e sobretudo, dar vazão às suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados (Michel, 2005).

Sendo assim, enquanto procedimento, utilizei do método cartográfico, ainda pouco abordado em discussões acadêmicas ou sociais, a fim de compreender as contribuições artísticas de obras desenvolvidas por mulheres lésbicas desfem.

---

<sup>10</sup> Disponível em:

[https://www.unesc.net/portal/resources/official\\_documents/11228.pdf?1426017180](https://www.unesc.net/portal/resources/official_documents/11228.pdf?1426017180) Acesso em: 07 ago. 2023

Conforme nos escrevem Lemos e Oliveira (2017, p. 42), a metodologia cartográfica pensada por Deleuze e Guattari (1996) constrói territórios e linhas: “[a] cartografia propõe essa criação de conexões e significação ao longo do desenvolvimento, mapeando pensamentos, técnicas, situações, pessoas, lugares”. Souza e Francisco (2016), por sua vez, afirmam que as pesquisas cartográficas contribuem para desenvolver pesquisas qualitativas e direcionam ao acompanhamento de processos e à produção da subjetividade.

Os procedimentos metodológicos seguiram as orientações de revisão bibliográficas supracitadas, neste caso, para análise e pesquisa de produções artísticas de mulheres lésbicas, sendo assim, os conceitos principais como pontos de discussão estão localizados dentro dos estudos de gênero e arte.

Após leituras e fichamentos, anotações e percepções sobre as artistas e autoras escolhidas, desenvolvi análises a partir do referencial teórico que ancora a pesquisa a partir das produções de Leila Pessoa<sup>11</sup>, Cheyenne Luge<sup>12</sup>, Cassandra Rios<sup>13</sup>, Anne Santos<sup>14</sup> que serão apresentadas e problematizadas nos textos seguintes.

Conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os Cursos de Artes Visuais de 2009<sup>15</sup>, a produção artística desta pesquisa se manifesta

---

<sup>11</sup> Leila Pessoa é artista visual, arte e educadora, atuante no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Mestre pela Universidade do Rio Grande do Sul – UFRGS. Saiba mais em: <https://www.instagram.com/sacodepapel/> Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>12</sup> Cheyenne Luge é artista visual, Bacharela pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Saiba mais em: <http://www.nacasa.art.br/v2/sem-categoria/cheyenne-luge> Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>13</sup> Cassandra Rios, foi uma escritora brasileira. Escrevia ficção, mistério e principalmente sobre homossexualidade feminina e erotismo, sendo a primeira escritora a tratar do tema, em tempos de ditadura militar. Saiba mais em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Livros/noticia/2022/08/quem-foi-cassandra-rios-pioneira-da-literatura-lesbica-no-brasil.html> Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>14</sup> Anne Santos é diretora de arte, cantora, compositora e ativista pelos direitos de lésbicas desfeminilizadas. Fundadora da página “Desfeminilize!”, projeto social que busca trazer ao público visibilidade para mulheres lésbicas desfeminilizadas. Saiba mais em: <https://www.instagram.com/desfeminilize/> Acesso em: 28 ago. 2023.

<sup>15</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf) Acesso em: 07 ago. 2023

na linguagem da pintura. Importante mencionar que, ao iniciar a pesquisa, intencionava desenvolver a produção artística no campo da escultura. No entanto, com o desdobramento das semanas, no contato com novos autores e leituras, a pesquisa foi se aproximando da linguagem da pintura.

A pesquisa está contaminada pelas questões que me constituem mulher lésbica desfem, artista em formação. Não há como adotar uma posição neutra, de afastamento do objeto de investigação quando ele atravessa minha carne e vísceras todos os dias. Nesse aspecto, encontro eco em *Frida a biography of Frida Kahlo*. Hayden Herrera, cita:

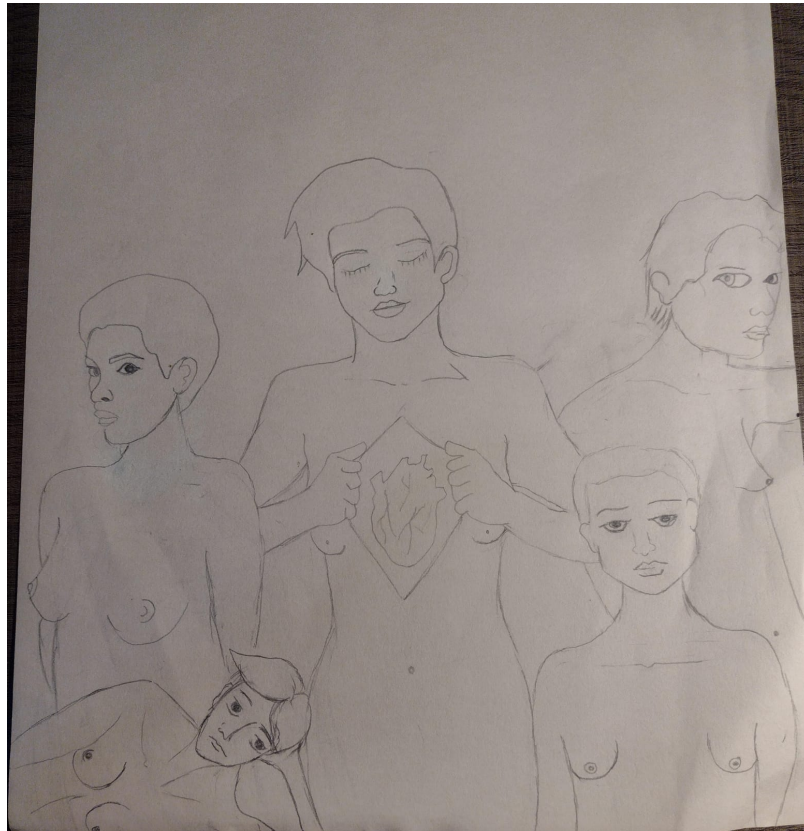
Encontramos na obra de Frida Kahlo, a meu ver, uma força imperiosa que a impelia a desenvolver um sentimento de existência própria, que lhe permitisse suprir buracos psíquicos causadores de muita dor. Sua arte lhe servia como ponte para a sobrevivência psíquica. Ao lado disso, contava com um desejo de viver e uma criatividade que podia ser vista nas cores vibrantes de suas obras e no humor e ironia de suas cartas, assim como em seus momentos de irreverência. Nesses movimentos pode-se identificar o viver criativo e único que caracteriza sua vida e produção artística, e que nos impressiona pelo seu impacto afetivo.

Estes dizeres me tocam profundamente, uma vez que,

Não me permitiram preencher os desejos que a maioria das pessoas considera normal, e nada me pareceu mais natural do que pintar o que não foi preenchido (...) Minhas pinturas são (...) a mais franca expressão de mim mesma, sem levar em consideração julgamentos ou preconceitos de quem quer que seja (...) Muitas vidas não seriam suficientes para pintar da forma como eu desejaria e tudo que eu gostaria (Herrera, 2002, p. 317).

Portanto, o processo dessa obra e pesquisa surge da necessidade de visibilidade, de dar voz e força ao meu lesbianismo e para a comunidade lésbica, é portanto, político. Ao relacionar minha pesquisa teórica com a produção artística poética, na linguagem da pintura, busco pincelar o ser, de corpo e alma. A produção reúne tinta acrílica sobre tela, e retrata o corpo político de mulheres lésbicas desfeminizadas. Apresenta como título "*O Corpo Desfem: Entre movimentos Poéticos*". As imagens abaixo apresentam o percurso de pesquisa, criação e produção da obra.

### Imagem 5 Esboço da Obra



Fonte: Acervo da Pesquisadora

## 1.2 MAPEAMENTO TEÓRICO DA PESQUISA

Para embasar a discussão teórica desta pesquisa, a obra "*Feminismo e Lesbianismo: a identidade em questão*" de Tania Navarro Swain (1999) foi de grande relevância na compreensão das lesbianidades dentro dos estudos de identidades culturais. De forma complementar, Simone Brandão Souza (2018), em seu estudo sobre teorias lésbicas contemporâneas nas artes — especialmente como mecanismo de resistência contra a invisibilidade que envolve tais corpos —, apresenta uma visão significativa. Tal estudo, que integra um dossiê sobre o tema e foi essencial na pesquisa, visto ser uma das poucas referências especificamente alinhadas ao propósito da investigação.

As reflexões de Audre Lorde (2012) alinham-se à temática e objetivos propostos, destacando-se pela relevância de suas análises em discussões sobre

identidades dissidentes. A estigmatização e a discriminação voltadas a corporalidades que não se alinham à norma cisgênero e heterossexual são pautas frequentes em diversos estudos sobre o assunto. Ao abordar a perspectiva da mulher negra e lésbica, Lorde (1982 e 2012) salienta que as estruturas sociais se reforçam mutuamente para gerar, perpetuar e atualizar formas de violência contra mulheres que desviam da norma de gênero dominante, resultando em discriminação e invisibilidade.

Na discussão sobre a representação de mulheres lésbicas na arte, o trabalho de Tanya Saunders (2017) proporciona uma análise epistemológica, ressaltando uma construção libertária de humanidade a partir da vivência negra e lésbica. No desenvolvimento do referencial teórico, priorizei produções teóricas e literárias de mulheres, sobretudo lésbicas, incluindo, quando pertinente, uma interpretação da performance de gênero.

Neste contexto, é notável como mulheres lésbicas "desfeminizam", integrando essa análise com outras fontes de conhecimento, como artigos jornalísticos, literatura e demais. Assim, destacam-se as artistas Anne Santos, Cassandra Rios, Cheyenne Luge, e Leila Pessoa.

### 1.3 MAPEAMENTO DOS CAPÍTULOS

Para apresentar um breve panorama ao leitor e a leitora, apresento nesta seção a organização dos capítulos que estruturam o trabalho. A pesquisa está dividida em três capítulos e subcapítulos, sendo que o primeiro irá abordar a parte introdutória do tema os contornos definidos para o trabalho. Contextualiza a semântica do termo desfem e apresenta algumas das mulheres artistas lésbicas desfeminizadas. É também neste texto que apresento as questões e objetivos da pesquisa, as escolhas metodológicas e os principais autores que ancoram o referencial teórico.

No segundo capítulo será abordado o tema "Mulheres lésbicas desfeminizadas e as questões de gênero." Nos últimos anos, temos observado um movimento crescente de mulheres que estão se libertando de estereótipos de gênero e abraçando um estilo de vida mais desfeminizado. O conceito de desfem se baseia na ideia de que não devemos ser definidos apenas por nossa feminilidade, mas sim

pela nossa individualidade e autenticidade. Portanto, o capítulo se dedica a aprofundar as questões políticas, éticas e estéticas no campo de investigação.

O capítulo seguinte, “Artistas Mulheres Desfem”, contemplo as referências, artísticas e literárias que foram cartografadas pela pesquisa, dentre elas: Anne Santos, Cheyenne Luge, Cassandra Rios e Leila Pessoa.

Por fim, apresento as conclusões, não definitivas, mas que apontam as principais reflexões que a pesquisa constituiu.

## **2 MULHERES LÉSBICAS DESFEMINILIZADAS E AS QUESTÕES DE GÊNERO**

Nos últimos anos, temos observado um movimento crescente de mulheres que estão se libertando de estereótipos de gênero e abraçando um estilo de vida mais desfeminizado. O conceito de desfem se baseia na ideia de que não devemos ser definidos apenas por nossa feminilidade, mas sim pela nossa individualidade e autenticidade. Para ser mulher não preciso utilizar do vestuário e dos procedimentos estéticos que resultam da indústria da beleza que ditam o que é feminino e socialmente aceito. É comum associar a feminilidade a características como delicadeza, suavidade e beleza (dentro de um padrão socialmente aceito e muito potencializado pela indústria da beleza e da própria mídia), mas isso limita as possibilidades de expressão das mulheres e as classificam como aceitas e não aceitas. Mulheres desfem buscam desconstruir essas expectativas e mostrar que podem ser fortes, ousadas e assertivas, sem deixarem de serem femininas se assim escolherem. É um convite para que possamos tencionar as amarras sociais e sermos quem realmente somos, com voz e liberdade de escolhas.

Ao longo da história da humanidade é possível encontrar vários momentos em que mulheres buscaram escapar dos padrões de gênero construídos socialmente. Também não são raros, inclusive na contemporaneidade, as situações em que as mesmas não se reconhecem dentro do padrão de feminilidade, serem estereotipadas com termos pejorativos, como, “mulher-macho, machorra, caminhoneira, sapatona”, expressões que tentam classificar e marginalizar o corpo e o modo de ser e estar no mundo dessas mulheres.

O discurso socialmente aceito confere contornos de certa estética hegemônica reforçada pela “indústria da beleza”. Mulheres femininas “devem” vestir roupas justas, realçar decotes, manter unhas bem feitas e coloridas na tendência da moda, não sair de casa sem uma maquiagem que mascare todas as imperfeições, realizar procedimentos estéticos em diferentes partes do corpo em busca de uma

aproximação dos editoriais e tutoriais de beleza disseminados com velocidade frenética nas redes sociais, lojas de cosméticos e programas televisivos.

Na contramão desse discurso encontramos as mulheres desfem que não performam essa feminilidade hegemônica e socialmente aceita. São mulheres desfeminizadas, ao olhar da sociedade, uma vez que criam outro estilo de vestir-se e fogem ao comportamento social dominante.

Minha história de vida é marcada por esses momentos em que fui estigmatizada por não corresponder à expectativa social. Lembro-me de várias passagens da infância e adolescência em que escutei de familiares e amigos que eu “não parecia ser uma menina”. Embora ainda não compreendesse a essência e a violência dessas falas, nem mesmo já me reconhecia como mulher lésbica, o impacto psicológico causado ao ouvir tais expressões fazia sentir-me mal e me afastava do convívio social. Gostava de jogar futebol com meus primos meninos, ao contrário de minhas primas que brincavam de boneca. Vestia-me com roupas confortáveis sem me preocupar com questões estéticas. Meu interesse aproximava-se daquilo que socialmente era compreendido como “brincadeiras para meninos.”

Com o passar dos anos busquei individualmente me compreender e perceber que não havia nada de errado em meu modo de ser. E sim, minha orientação sexual e preferências eram somente as mulheres, e está tudo bem! Nunca me senti afetivamente envolvida por homens, então, por que insistir em seguir um padrão social e ser infeliz?

Por outro lado, é importante destacar que os estigmas e estereótipos também estão presentes dentro da comunidade LGBTQIA+. Insistimos em classificações e muitas vezes somos preconceituosos com os nossos semelhantes. Por exemplo, quando uma mulher se assume lésbica e cultiva um comportamento entendido como padrão masculino, espera-se que ela seja o “homem da relação” com outra mulher “mais feminina”. Assim também são as dicotomias entre “ativos e passivos” na homossexualidade. Rótulos que transbordam as diferentes classes sociais e estão enraizados no comportamento humano. Naturalizamos aquilo que não é natural!

Em uma entrevista para o Jornal “O Globo”<sup>16</sup> a influenciadora Karina Fernanda Perez (imagem 06) traz um relato que considero elucidativo e pertinente para esta pesquisa:

Quando tinha uns 8 anos, as crianças faziam *bullying* comigo por causa da minha sexualidade, sendo que nem eu ainda havia me entendido como lésbica”, explica. “Era cruel. Me chamavam de ‘sapatão’ de forma pejorativa”, [...] Deixei o cabelo comprido, usava vestido e roupas mais justas. Mas minha libertação veio os 26 anos, quando raspei a cabeça. [...] É importante que nos vejam e o preconceito diminua. A gente não quer parecer homem. Sou mulher, gosto de me vestir e ser assim.

**Imagem 6** Karina Fernanda Perez



Fonte: <https://oglobo.globo.com>

Os autores Pascale Molinier e Daniel Welzer-Lang afirmam que “são as relações sócio sexuais, marcadas pela dominação masculina, que determinam o que

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2023/08/29/dia-nacional-da-visibilidade-lesbica-conheca-mulheres-fora-do-padrao-de-feminilidade-que-lutam-para-combater-o-preconceito.ghtml> Acesso em 07 out. 2023.

é considerado normal e muitas vezes no geral é interpretado como natural para mulheres e homens” (2009, p .101). A feminilidade baseia-se, portanto, no olhar masculino, que determina o que é considerado feminino.

Os argumentos que defendem a feminilidade como algo natural para as mulheres baseiam-se em grande parte na ideia de que o sexo biológico determina o gênero e que este, por sua vez, é responsável por estabelecer o papel social de um indivíduo desde o nascimento. Judith Bardwick desafia este argumento ao enfatizar que o gênero partilha características com os indivíduos na sociedade e que os papéis sociais são o resultado da aprendizagem que é vivenciada socialmente. A feminilidade torna-se um conceito construído quando as ideias são baseadas em noções masculinas sobre a mulher, tornando esse conceito baseado numa falsa realidade.

Nas sociedades patriarcais, a história das mulheres é sempre construída de forma diferente da história dos homens. Perrot enfatiza esta questão:

Há muito tempo que as mulheres são as esquecidas, as sem voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e interpessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza - quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade (Perrot, 2003, p.13).

Concebida numa sociedade patriarcal, a feminilidade silencia as vozes das mulheres. Para Simone Beauvoir, as definições de feminilidade diminuem a mulher, por que:

Ela naturalmente escolhe ser um indivíduo completo, um sujeito e uma liberdade diante da qual o mundo e o futuro se revelarão: se esta escolha for confundida com a escolha da virilidade, é na medida em que a feminilidade significa hoje mutilação. (1967, p.148).

A autora destaca que esta imposição da feminilidade está atrelada às limitações impostas pelo sexo. Seu corpo é considerado o determinante de suas ações nos espaços sociais.

Cassandra Rios<sup>17</sup>, uma das artistas que a pesquisa se ocupa em mapear, do campo da literatura, lésbica em tempos de ditadura militar no Brasil, mostra como questões relacionadas à homossexualidade feminina foram reprimidas política e socialmente. O trabalho de Cassandra foi censurado (imagem 7) pela representação de personagens marginalizadas, como lésbicas, mas o uso de pseudônimos masculinos tornou aceitável grande parte do seu trabalho, mostrando que a sexualidade feminina permite que as mulheres tenham autonomia sobre si mesmas e até mesmo dentro dos seus contextos. Cassandra Rios, assumidamente lésbica, teve sua imagem ligada a especulações diversas vezes devido a sua sexualidade, também pelo erotismo que era presente em suas produções. A produção de Cassandra Rios foi marcada pela repressão e pela violência do regime militar brasileiro.

De acordo com a BBC News Brasil<sup>18</sup> com a perseguição, Cassandra foi à falência, em 1976, ano que 14 de suas obras foram censuradas em um período de seis meses, pois diversos de seus livros foram retirados de livrarias. Em uma entrevista veiculada pela BBC, com Liz Rios, sobrinha da escritora, Rios relata que Cassandra ficou muito arrasada na época e que constantemente era interrogada no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Para sobreviver, Cassandra passou a colaborar com artigos para revistas e jornais e criou um pseudônimo, Oliver Rivers, para conseguir publicar livros e equilibrar as contas. "Engraçado que com o pseudônimo masculino, a tia Odete conseguia passar pela censura e vender os livros, igualmente eróticos. Isso comprova que a perseguição era contra a pessoa Cassandra, e não só contra sua literatura"<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> A produção de Cassandra Rios será retomada e aprofundada no Capítulo 3.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47756468>. Acesso em: 07 out. 2023.

<sup>19</sup> Entrevista com Liz Rios. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47756468>. Acesso em: 07 out. 2023.

**Imagem 7 Parecer de censor veta livro de Cassandra,  
'Copacabana Posto 6'**



SERVICO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER, nº 1711

CONTEÚDO: LIVRO  
TÍTULO: " COPACABANA POSTO 6 " A MADRASTA.  
AUTORA: CASSANDRA RIOS  
EDITORA: MUNDO MUSICAL LIMITADA  
CLASSIFICAÇÃO: V E T A D A

O livro da senhora Cassandra Rios é um romance sobre uma jovem lésbica, suas conquistas e seu ambiente familiar. Suas atitudes são referendadas como a causa de seu desajuste. Mensagem negativa, psicologicamente falsa em certos aspectos de relacionamento, nociva e deprimente principalmente pela conquista lésbica da heroína junto à madrasta e o duplo suicídio final.

À página 200,201, 202 a autora tenta com injustificadas citações Bíblicas subverter conceitos morais em uma infeliz sub literatice para justificar o tema a que se propôs. O poder econômico é, também um fatal coator, segundo ela, das anomalias a que se compraz em relatar.

Enquadramos, pois, o compendio em o Dec. Lei 1077 de 1970. V E T A D O.

Fonte: <https://www.bbc.com>

Vieira (2014, p. 91.) destaca que, no ano de 1983, Cassandra Rios assume ter publicado alguns romances escritos sob pseudônimos masculinos:

Na Revista Mulherio (1983, p.10), de caráter feminista, os argumentos são colocados para a necessidade criativa: "No meio daquela revolta íntima, de todo aquele fôlego reprimido, e diante de toda aquela minha necessidade artística, criativa, comecei a trabalhar com pseudônimos e então surgiu um Oliver Rivers, um Clarence Rivier (...)". (VIEIRA, 2014, p.91) De acordo com Amaral (2010), sob o pseudônimo de Oliver Rivers, foram encontrados os romances Valéria, a freira nua, Mônica, a insaciável, Rosa, a irresistível e Andra, traição sexual, enquanto que sob o pseudônimo de Clarence Rivier foram encontradas as obras Sonho de viúva e Andarilho do sexo, todos compõem a "*Love sex collection*", publicada pela editora Gama ao longo dos anos de 1978 e 1980.

Cassandra coloca em jogo questões relacionadas ao patriarcado, machismo, sexismo, dando visibilidade à produção de artistas lésbicas desfem, em que os desejos das mulheres permanecem subordinados ao poder dos homens.

Na obra “O Escorpião na Balança” (1960) Cassandra Rios, conta a história da descoberta sexual de uma mulher, e o que a leva a questionar os valores que norteiam sua vida. A identidade da personagem principal, Petra, também se divide em um “eu homossexual” e um “eu” que insiste na heterossexualidade compulsória, onde há uma busca por identidade. Cassandra também utiliza um personagem misógino para discutir a sexualidade feminina em contraste com a fala da protagonista. Eles discutem a responsabilidade pela gravidez, promiscuidade, homossexualidade e fetiches. Petra, deixa o noivo para ficar com Andrea, conhecida como uma mulher que “gosta de homens e mulheres sem se definir” (Rios, 1960, p. 34).

Cassandra Rios explica as opiniões sobre a homossexualidade da época, apoiando-se o argumento de Rich, de que se as mulheres não tiverem acesso sexual aos homens, elas estarão ausentes da sociedade. Para o noivo de Petra, sua conduta era desviante, como se ela estivesse fora de seu juízo, para ele, o desejo de Petra, tratado como desviante, só pode ser explicado, segundo seu ex-noivo, pela influência a fora de seu juízo, já que para ele, era fora do comum mulheres manterem relações amorosas e sexuais com outras mulheres.

A obra “O Escorpião na Balança” propõe uma reflexão sobre mazelas relacionadas ao gênero na cultura brasileira. Cassandra Rios, quando decidiu escrever sobre relações lésbicas e o sentimentalismo, valida as experiências que eram vistas como anormais e marginalizadas. Suas escritas literárias em tempos de ditadura, onde as falas machistas, misóginas e conservadoras dominavam. Ainda assim, vale ressaltar que ao decidirem viver sua sexualidade como protagonistas, as lésbicas subvertem a ordem social reprodutiva patriarcal e criam desconforto aos indivíduos dominantes, tornando-os alvos de preconceito, fetichização e opressão.

Esse contexto nos permite estabelecer um paralelo com os estudos da autora Simone Beauvoir (1960), quando nos escreve que os homens usam o sexo e a reprodução para se elevar-se, enquanto as mulheres ficam presas ao sexo sob a influência da cultura, tradição, da religião, da família, da economia e do poder estatal.

Quando as mulheres sofrem opressão sexual, a sua independência e liberdade são prejudicadas mesmo no campo da literatura e da arte.

A presença e representação das mulheres na arte contemporânea tem sido uma discussão constante e essencial nos dias de hoje. Historicamente, o espaço das mulheres nas artes visuais foi invisibilizado e muitas vezes desvalorizado, com exemplos de artistas femininas sendo apagadas ou marginalizadas, sobremaneira, quando buscamos por produções de artistas lésbicas desfem. Apesar das lutas e conquistas do movimento feminista, ainda há muito a se mudar. O apagamento lésbico acontece nas mídias, e até mesmo no mercado de trabalho, a mulher lésbica desfem encontra muitas dificuldades no âmbito de trabalho, não respeitam seu corpo, e até mesmo a sua vestimenta.

Anne Santos (2023)<sup>20</sup> em seu artigo no jornal espaço do povo, relata:

Ser uma mulher lésbica desfeminizada no mercado de trabalho não é nada fácil. Nossas habilidades são questionadas constantemente, reduzidas a nossa aparência e comportamento que foge do padrão feminino. Pouco se fala da dificuldade da lésbica desfem em conseguir emprego e essa pauta não é discutida pelos movimentos sociais como o LGBTQIAP+, profissionais de recursos humanos ou por *influencers* do *Linkedin*. Isso é fruto da lesbofobia que insiste em apagar nossa existência. Travei por meses uma longa batalha para voltar ao mercado de trabalho desde que passei a ter uma leitura social sapatão. Fui rejeitada em cargos de liderança por diversas empresas e depois de alguns meses tive que fazer *freelas* como garçonne e hostess em cafés mesmo sendo publicitária de formação com aproximadamente 5 anos de atuação em redes sociais. A leitura da lésbica desfem carrega estereótipos que nos colocam como mulheres imaturas e de comportamento rude pela ausência de feminilidade que geralmente significa passividade e delicadeza. Tal característica só é exigida socialmente do sexo feminino, pois é evidente que homens não sofrem com a mesma imposição. Questionei diversas vezes o que havia de errado com minhas habilidades. Nunca tive problemas com entrevistas de emprego, não fico nervosa e sei conduzir bem uma conversa. Descobri que ter consciência política dói e que a realidade da lésbica desfem era muito pior do que eu imaginava. Muitas empresas não oferecem um espaço acolhedor para trabalhadoras lésbicas como eu, e fora do ambiente de trabalho às violências homofóbicas são diárias. Os olhares nos transportes e banheiros públicos tornam nossa rotina ainda mais difícil. É preciso desenvolver políticas públicas para a inclusão e acolhimento desse grupo no mercado de trabalho, mas o apagamento da comunidade lésbica continua o mesmo. Somos sub-representadas na política brasileira, o que dificulta o levantamento de pautas sobre a nossa existência. Hoje temos apenas 10 mulheres lésbicas ocupando cargos políticos em todo Brasil. Fátima Bezerra, governadora do RN, foi a primeira e única mulher lésbica a governar um estado brasileiro e esse feito só aconteceu em 2019.

---

<sup>20</sup> Artigo Anne Santos. Disponível em: <https://www.espacodopovo.com.br/artigo/a-realidade-da-lesbica-desfem-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 07 out. 2023

Ela foi reeleita em 2022. Ao observar a lista de parlamentares lésbicas, é notório que nenhuma delas é desfeminizada, ou seja, possui uma leitura social lésbica. Muitas desfems optam por abrir mão da sua própria identidade, colocando vestido, maquiagem e até mesmo ao mudar a forma de se comportar para conseguir passar em uma entrevista de emprego. Se não existem mulheres como nós atuando diretamente na política, como iremos abordar e saber as dores que nos assombram há tantos anos? Se não existem mulheres desfem nos cargos de liderança ou até mesmo no quadro geral de colaboradores, como iremos propor melhorias e inclusão desse grupo no mercado de trabalho? O silenciamento lésbico é também um dos principais pontos que fazem a taxa de lesbocídio ser tão alta, afinal, o empobrecimento da comunidade contribui grandemente para o extermínio das nossas iguais. Até quando o mundo continuará fingindo que nós não existimos?

Todo este cenário no âmbito das relações de trabalho apresenta uma perspectiva preocupante que argumenta que o mercado ainda está preso em suas crenças e assim reproduzem o que tem mostrado sinais de erro a tempos. De acordo com o levantamento "Representatividade, Diversidade e Percepção — Censo Multissetorial da Gestão Kairós 2022", realizado com mais de 26 mil pessoas entre 2019 e 2021, as mulheres lésbicas representam apenas 1% no quadro geral das empresas. Segundo o Censo Multissetorial da Gestão Kairós<sup>21</sup> 33% dos casos de discriminação e preconceito relatados pelas entrevistadas estão relacionados à diversidade sexual e de gênero. Para as entrevistadas, existe um impacto direto na saúde mental ao enfrentar discriminações, a dificuldade de crescimento e a necessidade de aprovação constante. Além de julgamentos e opiniões sobre como elas deviam agir, do que deviam vestir, como se não tivessem a possibilidade de serem quem são.

Miskolci (2015) explica o conceito de diversidade como àquele que busca acolher as demandas dos grupos históricos por respeito e acesso a direitos por subalternizados como negros, povos indígenas, homossexuais e mulheres, e que se constitui com uma mistura de culturas, crenças e valores no espaço organizacional. A heterogeneidade do ambiente de trabalho não é um desafio apenas para os indivíduos, mas também para as organizações. Uma maior diversidade de mão-de-obra incentiva a criatividade dos empregados, contribui para a melhoria no processo

---

<sup>21</sup> A Gestão Kairós é uma consultoria especializada em Sustentabilidade e Diversidade para grandes empresas.

decisório da empresa, uma vez que a torna mais flexível e ágil, pois facilita a troca de informações sobre experiências, valores, atitudes e a apreensão de novas abordagens (Irigaray; Freitas, 2011).

Nesse contexto, Alves e Silva (2004) enfatizam que os métodos de recrutamento e seleção representam à fase visível a contradição entre a ação afirmativa e a lógica de mercado, porque contratar pessoas discriminadas é mais caro do que simplesmente buscar os trabalhadores disponíveis no mercado.

O homossexual vivencia nas empresas várias experiências, tais como: a discriminação no processo de seleção de pessoal se a empresa notar que ele seja homossexual, ou ele declarar explicitamente sua orientação; a perda de emprego em virtude da orientação sexual; a perda de uma possível promoção, também em virtude da orientação sexual; “o discutível fato de o homossexual ganhar menos do que o heterossexual; avaliações de desempenho baseadas intensamente em um único traço do indivíduo, a identidade homossexual” (Siqueira; Zauli-Fellows, 2006, p. 7). Sendo assim, segundo Irigaray (2007, p.12) “o fato de os homossexuais adotarem estratégias de sobrevivência para lidar com sua orientação sexual no ambiente de trabalho reforça o pressuposto de que eles são, de fato, discriminados.”

É importante ressaltar, a trajetória de luta das mulheres lésbicas pela visibilidade na sociedade. Em 2016, Luana Barbosa, mulher negra periférica, mãe e lésbica, em uma abordagem de três policiais militares, foi espancada em São Paulo na rua de sua casa, ao se recusar a ser revistada por um policial homem quando apenas reivindicou seu direito de ser revistada por uma mulher (direito que toda mulher tem prescrito por lei). Cinco dias após o espancamento, Luana morreu em decorrência de lesões cerebrais. (Gonçalves, 2023).

Mais da metade dos lesbocídios registrados (54%) são de mulheres cis que não performam feminilidade ou heterossexualidade - as *butches* - e, pouco menos da metade (43%) dessas *butches* assassinadas são pretas (Bernardes, 2019) O caso de Luana repercutiu a vereadora Carla Ayres (PT) de Florianópolis protocolou o Projeto de Lei Luana Barbosa, que institui o Dia Municipal de Enfrentamento ao Lesbocídio. Se aprovado, o projeto vai estimular o poder público a desenvolver campanhas,

atividades e ações, de modo a contribuir na construção de cultura de não violência contra as mulheres lésbicas.

Nesse contexto, Rich (2010), ao mencionar que mulheres lésbicas, ao desviarem da heterossexualidade compulsória, se tornam alvo de diversas violências – lesbofobia, preconceito, assédio, entre outras. As violências configuram-se de diversas formas, caracterizando-se em estupros corretivos até a negação e/ou omissão de informações relacionadas à saúde da mulher lésbica. A violência contra mulheres trata-se de fenômeno complexo e determinado por inúmeros fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos. As violências podem se caracterizar em física, psicológica, moral, simbólica e sexual (Saffioti, 2015; Cortes, 2014).

A objetificação, o assédio e o estupro corretivo, são exemplos de violências recorrentes muito específicas sofridas pelas mulheres lésbicas. Podemos pensar a lesbofobia como a junção de misoginia, sexismo e homofobia (Gomes; Fehlberg, 2014; Rich, 2010; Santos, 2013). O termo se mantém como tentativa de visibilizar questões específicas das mulheres homossexuais, garantindo que possuam voz e proporcionando equidade de direitos em relação a pessoas heterossexuais. A lesbofobia é resultante da sociedade patriarcal e da ideia de que somente deve existir a heterossexualidade como orientação sexual, aprisionando assim a subjetividade da mulher lésbica (Gomes; Fehlberg, 2014; Santos, 2013). Entende-se que a lesbofobia, além da heteronormatividade compulsória são frutos da nossa sociedade machista e misógina.

Virginia Wolf (1929), defendeu a necessidade de uma literatura feminina em seu livro "Um Teto Sobre o Céu", dizendo que alguns campos, incluindo a tradição literária, foram dominados por homens, o que acabou dificultando a representação de grupos silenciados e de narrativas únicas em que as mulheres que não se conformam com os ideais patriarcais não sejam as personagens principais. A autora destaca as causas desta situação, incluindo a falta de liberdade econômica, a maternidade forçada, o casamento arranjado, o confinamento doméstico e a falta de acesso à educação formal.

Na história da arte, predominantemente eurocêntrica e colonizada, o gênero feminino foi frequentemente subestimado e minimizado. Mulheres artistas têm lutado

ao longo dos séculos para encontrar seu espaço e conquistar o reconhecimento que merecem. No entanto, apesar das dificuldades enfrentadas, muitas delas desafiam os estereótipos na arte.

Silvete Aparecida Crippa de Araújo, no artigo “Mulheres: Outsiders na História da Arte”, também discorre sobre a raiz da subestimação das mulheres ao longo da história: “as mulheres sofreram desvantagem na vida social em decorrência do caráter historicamente masculino da civilização: estado, leis, moral, religião, literatura, ciência, normas, criação e padrões, tudo originando essencialmente de interesses masculinos.” (Araújo, 2015, p. 4).

Sabemos que o mundo da arte dá aos artistas a oportunidade de se expressarem livremente para o mundo e de lutarem pelos ideais em que acreditam. Porém, a realidade é diferente quando a artista em questão é mulher. A dificuldade de reconhecimento e validação que as mulheres artistas enfrentam é o legado de uma sociedade e de um ambiente artístico baseado em ideais patriarcais e misóginos, bem como em narrativas sexistas dentro da história da arte.

Confrontado com a desigualdade entre os sexos, o discurso feminista moderno procura salvar a “história da arte das mulheres”, como uma forma de corrigir a invisibilidade de longa data das mulheres artistas. Segundo Silvete Aparecida Crippa de Araújo:

[...] sempre houve mulheres que não se adaptavam a esses papéis determinados e padronizados, alcançando seus objetivos dentro da ordem estabelecida através de brechas, se tornando escritoras, pintoras, pianistas ou pensadoras, outras fugiam totalmente as regras estabelecidas e foram processadas perseguidas ou caladas. Mas muitas continuaram a lutar por espaço e por igualdade. O papel da mulher na criação artística clama por uma reavaliação histórica (Araújo, 2015, p. 9-10).

Em uma sociedade que valoriza e reforça estereótipos de gênero, a desfeminização pode desempenhar um papel fundamental na luta pela dignidade humana. A sociedade espera que as mulheres sejam dóceis, delicadas, submissas e emocionalmente sensíveis. Esses estereótipos limitam a liberdade e autonomia das mulheres, restringindo suas escolhas e oportunidades.

A desfeminização busca desconstruir esses estereótipos e ampliar as possibilidades de expressão e identidade das mulheres. Ao se libertarem das amarras

da feminilidade instauradas socialmente, as mulheres podem explorar diferentes formas de ser e se relacionar com o mundo. Podem desenvolver e expressar características e habilidades que são frequentemente rotuladas como masculinas, desafiando a ideia de que essas qualidades são exclusivas aos homens, podem “ser o que quiserem ser”.

A desconstrução dos estereótipos de gênero permite às mulheres explorarem suas paixões, carreiras e interesses sem medo de serem julgadas ou limitadas. Elas podem escolher carreiras predominantemente masculinas, desenvolver habilidades em esportes considerados "para homens" e assumir posições de liderança sem serem questionadas. A desfeminização também reivindica o respeito igualitário, equânime, nos ambientes de trabalho, possibilitando que as mulheres sejam valorizadas por suas habilidades e competências, e não por sua aparência ou comportamento.

Além disso, a liberdade de gênero impacta diretamente a saúde mental e a autoestima das mulheres. Quando as expectativas de feminilidade são colocadas como um padrão inatingível, muitas mulheres sofrem pressão e ansiedade para se encaixarem nesses moldes. A liberdade de gênero, e da desfeminização, permite às mulheres lésbicas que assim se reconhecem, libertarem-se dessas pressões e viverem de acordo com suas próprias vontades e desejos, resultando em uma maior satisfação pessoal e bem-estar emocional.

### 3. ARTISTAS MULHERES DESFEM

Durante meu percurso pela universidade, como mulher lésbica desfeminizada e estudante de graduação, passei a observar e entender a necessidade de ocupar lugares, e produzir sobre a lesbianidade, buscando referências que dialogassem com o que eu entendia sobre o tema e a sua representatividade. Sendo assim, essa pesquisa se constituiu como o resultado dessa necessidade de analisar e escrever a trajetória de mulheres lésbicas, além de suas vivências.

Nesse capítulo, portanto, irei abordar minhas referências iniciais, artísticas e literárias que embasam a pesquisa. Durante a construção do trabalho, o curso de Artes Visuais da UNESC ofereceu uma oficina com a temática “Lésbica como Documento” ministrada pela Leila Pessoa, durante a Semana Acadêmica Integrada dos Cursos de Artes Visuais Bacharelado, Licenciatura e Bacharelado em Teatro (2023). Leila é uma das artistas visuais que se constituem referência nesta cartografia. É importante ressaltar que dos meus quatro anos de universidade foi à primeira vez que uma oficina ofertada e direcionada a esse tema aconteceu. A experiência vivenciada foi fundamental para que eu encontrasse outras vozes de autoras literárias e artistas ampliando o conjunto de referências para esta pesquisa. Sabemos o quanto é escasso encontrar referências de mulheres lésbicas no meio artístico, dado que se intensifica quando se trata de mulheres desfeminizadas.

Muitas mulheres tem encontrado maneiras diversas de expressar suas vozes e experiências por meio da arte. Em campos como pintura, escultura, literatura, no meio digital, elas têm usado pesquisa e potencial criativo para redefinir o que é considerado esteticamente valioso, questionando os padrões tradicionais de beleza e tendo uma postura crítica em relação às normas sociais.

Seja desafiando a objetificação do corpo feminino ou lutando pelo reconhecimento de suas obras, essas mulheres tem causado impacto em suas respectivas áreas de atuação. Essas artistas demonstraram que a arte pode ser uma forma de resistência e empoderamento. Ao desafiar estereótipos de gênero e explorar temas normalmente associados ao feminino, abrem portas para que outras mulheres

encontrem sua própria voz artística. No entanto, apesar dos avanços significativos, ainda há muito a ser feito para garantir igualdade de oportunidades para mulheres nas artes. Segundo Auler (2018, p.2-3):

A mulher lésbica, mais especificamente no campo das artes visuais, pode ser considerada, portanto, duplamente invisível: primeiramente por ser mulher e, ainda, por se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres. Ela não está conectada, de diversas formas, aos homens e, por isso, pode ser condenada a uma enorme marginalidade. Apesar disso, são muitas as mulheres que se relacionavam com outras mulheres e, mesmo com poucos registros, algumas delas deixaram rastros – alguns mais explícitos e outros menos – que atualmente podem ser revistos e reinterpretados.

A escritora francesa Monique Wittig em (1992) chegou a destacar de que “a lésbica não é uma mulher”, pois o conceito de mulher está estritamente relacionado a um sistema patriarcal e heterossexual, do qual a lésbica se recusa a fazer parte. Ao relacionar o pensamento de Auler e Wittig nos dá a entender que a realidade é bem diferente quando se trata de mulheres, a dificuldade do reconhecimento e da validação que muitas artistas enfrentam, é o legado da sociedade, de um ambiente baseado em ideais patriarcais. Assim como as narrativas sexistas presentes na história da arte, o que silenciava muitas dessas mulheres, ainda que o discurso moderno e contemporâneo ao confrontar a desigualdade de gênero, acaba procurando salvar a história dessas mulheres artistas, como uma forma de corrigir a invisibilidade que foi presente na história dessas mulheres artistas.

Rosa Bonheur, foi uma pintora francesa que, no século XIX, desafiava a sociedade com suas roupas masculinas. Era conhecida por retratar animais, e, por isso, precisava trabalhar em ambientes ao ar livre e, por isso, obteve permissão do governo francês para usar calças masculinas e botas.

Bonheur também tinha o cabelo bem curto, na época, ela foi uma pintora bastante reconhecida. Ainda ressalto outra artista, Romaine Brooks, artista italiana que passou grande parte da vida em Paris, além de ter sido a primeira artista a direcionar seu trabalho conscientemente para gerar uma nova imagem visual da mulher lésbica (Chadwick, 2012). Em seu autorretrato de 1923, a artista aparece com um chapéu, cabelo curto, roupas masculinas e um olhar firme, apesar de um pouco ocultado pela sombra do chapéu (imagem 7).

**Imagem 8** Auto Retrato de Romaine Brooks em 1923.



**Fonte:** <https://womenshistory.si.edu/herstory/art-design/object/self-portrait-romaine-brooks-1923>

### 3.1 LEILA PESSOA

É importante destacar que a produção artística das mulheres contemporâneas não é homogênea. Cada artista tem sua própria identidade e estética, e suas obras

refletem suas experiências individuais. Essa diversidade de perspectivas é fundamental para enriquecer o panorama artístico e proporcionar diferentes pontos de vista sobre questões sociais.

Em suma, a produção artística das mulheres contemporâneas está rompendo com as tradições e contribuindo para uma maior representatividade e diversidade na cena artística. Outra artista que constitui-se referência para a pesquisa é Leila Pessoa, artista visual, professora, e produtora independente, em 2022 criou sua própria revista, Entendida Ed. Ilha do Velcro, um jeito fictício de denominar a cidade de Florianópolis, Santa Catarina (imagens 09 e 10).

A revista é voltada ao mundo lésbico, versão pocket<sup>22</sup>, de uma revista de até quinze páginas envolvendo entrevistas com uma rede de amigas. Uma das questões mobilizadoras proposta pela artista as amigas é, descrever como é uma mulher lésbica na região da Grande Florianópolis, a partir das histórias de vida das entrevistadas, compreendendo o recorte da sua existência e vivência, incluindo, personalidade, gostos, identifique esta representação (imagens 11 e 12). (Pessoa, 2022)

---

<sup>22</sup> Revista com formato de bolso.

**Imagem 9** Capa da Revista Entendida (2022)

ED. ESPECIAL ILHA DO VELCRO N. 1 / 2022  
**entendida**

**Fonte:**

[https://www.behance.net/sacodepapel?tracking\\_source=search\\_users|leila+peaoa](https://www.behance.net/sacodepapel?tracking_source=search_users|leila+peaoa)


**Imagem 10** Ilha do Velcro (2022)



**Fonte:** [https://www.behance.net/sacodepapel?tracking\\_source=search\\_users|leila+pessoa](https://www.behance.net/sacodepapel?tracking_source=search_users|leila+pessoa)

Imagem 11 Recorte das entrevistas, Revista Entendida (2022)

“estava eu, sapatona de canasvieiras, trabalhando na temporada de verão em uma lojinha turística qualquer como fazia todos os anos. naquela temporada fiz uma amiga, uma moça que veio do RS pra aproveitar o verão e juntar dinheiro também, trabalhando noutra lojinha dessas perto da minha. ai a gente dava roles bacanas bem amigas mesmo e aí um dia ela disse “nossa dei match com uma menina incrível ficamos foi bem legal tu tem que conhecer!!” e eu falei legal vamo nessa”. chegamos no rolê e eu dou de cara com quem? claaaaro, uma ex ficante de mil anos atrás. rebuceteio da ilha não falha!!!!”



“Tem uma história que eu gosto minha que é pessoal, eu ficava com uma menina do meu colégio e queríamos passar mais tempo juntas sem necessariamente gastar dinheiro da passagem mas sem sair dos terminais e aí ficávamos andando de ônibus pra lá e pra cá juntas, ouvindo músicas e se acariciando de um jeito reservado pra não sofrer lesbofobia. Nosso terminal favorito era o tilag.”

“Nenhuma história em específico, mas a ilha é cheia de rebuceteio.”

“Uma amiga gaúcha (que coisa mais típica uma gaúcha na ilha?) mudou pra canasvieiras quando era adolescente e em um verão se apaixonou por uma argentina!! (mais clichê que isso????) Acontece que essa argentina foi-se embora e passou um bom tempo (anos!) e elas não tinham mais contato. Há um certo ano, minha amiga deu match com uma moça no tinder, marcaram de se encontrar e quando foram se ver pessoalmente ela não percebeu a princípio até a mulher perguntar “no te a acuerdas de mi???” pois sim, era aquela mesma moça argentina, mudada e crescida e mais sapatona que nunca!!!”

Fonte: [https://www.behance.net/sacodepapel?tracking\\_source=search\\_users|leila+peessoa](https://www.behance.net/sacodepapel?tracking_source=search_users|leila+peessoa)

Imagem 12 Recorte das entrevistas, Revista Entendida (2022)

# o bob's da trajano

Essa história começou há mais ou menos treze anos, os jovens homossexuais e LGBT da grande Florianópolis se juntavam na frente do restaurante Bob's no período da tarde, a maioria saía da escola e vinham direto, principalmente quem estudava no centro. Tudo acontecia ali, paquera, vinho barato (campo largo) e tudo que você pode imaginar que jovens reunidos poderiam proporcionar. O cronograma começava quinta-feira, o famoso almoço de quinta, era na frente do hotel Majestic, localizado na Av. Jorn. Rubéns de Arruda Ramos, de frente a Av. Beira Mar, sendo uma das localizações mais caras de morar, e não à-toa o local que mais avistamos bandeiras do Brasil hasteadas em período eleitoral atualmente, a elite de Florianópolis rodeia a região, assim como o bolsonarismo. Na sexta-feira o encontro era na frente do bob's, com os anos o Museu Histórico de Santa Catarina — Palácio Cruz e Sousa começou a ser mais truculento com esses jovens que ali frequentavam semanalmente, pois eles abriam na parte de trás, assim tínhamos acesso à área da escada (sempre ficava um policial militar resguardando o espaço) começaram a ser mais truculentos com esses jovens que ali frequentavam semanalmente. O bob's hoje não existe mais, claro o restaurante de fast food ainda está lá, mas é só isso.



Fonte: [https://www.behance.net/sacodepapel?tracking\\_source=search\\_users|leila+peessoa](https://www.behance.net/sacodepapel?tracking_source=search_users|leila+peessoa)

Conheci Leila Pessoa, durante um evento na casa do artista Edi Balod, em Criciúma. Fomos apresentadas pela professora Daniele Zacarão. Naquele momento não nos falamos, mas depois de algum tempo, o curso ofereceu a oficina “Lésbica como Documento”, ministrada por Leila. Vale ressaltar que foi a primeira oficina com esse tema no campus.

Assim que soube dessa oficina, fiquei entusiasmada e me inscrevi para praticar. Estava no início do percurso da escrita do meu Trabalho de Conclusão de curso, e não havia encontrado referências de mulheres lésbicas desfem brasileiras. Foi nessa oficina que encontrei nomes de mulheres lésbicas, porém a maior parte no campo da literatura e feministas, o que de certo modo, também me interessava.

Me encontrei nas leituras dos livros, nas fotografias e guardando as referências para ler em outro momento com mais calma. Leila apresentou recortes de vivências e existências lésbicas na sociedade por meio de sua revista “Entendida. Ela aborda temas voltados a essas mulheres, com entrevistas que contemplam multiplicidades de personalidades lésbicas e seus gostos.

Leila apresenta referências importantes para a minha pesquisa. Trouxe o lado bom vivenciado por essas mulheres. Poderia citar o “rebuceteio”, por exemplo, quem nunca se envolveu com fulana, ciclana, e beltrana? Ou aquela mulher lésbica que já quer casar no primeiro encontro. Também tem aquela que só se apaixona pela moça que vive a 800 km de distância e já quer morar juntas. Ou a paixão por aquela mulher hétero que sempre te troca por homens (às vezes acontece). Não podemos esquecer daquela lésbica que não deixa de perguntar seu signo e seu horário e data de nascimento no primeiro encontro, para fazer seu mapa astral e ver se são compatíveis. São histórias como essas, que deixa o coração quentinho e representado. Encontrei na Leila, e em sua produção, o lado positivo da vivência lésbica.

### 3.2 CASSANDRA RIOS

Cassandra Rios (imagem 13), autora literária, e outra importante referente da pesquisa, foi conhecida como a “mais proibida do Brasil”. Este reconhecimento se deu,

pelo fato da autora possuir mais de trinta livros censurados e vetados, na época da ditadura militar.

Encontro em Cassandra Rios a incomum oportunidade de acessar um pouco das vozes silenciadas, sujeitos ausentes do relato histórico. As histórias, tramas e personagens que se encontram em sua produção permitem refletir representações da sexualidade no período em questão. Sua linguagem era direta porque tinha o objetivo de retratar algo real, algo cotidiano.

Em uma de suas obras “Eu sou uma lésbica”, Cassandra nos demonstra uma autoafirmação, em seu livro, a personagem Flávia, relembra sua infância, quando aos 7 anos se apaixona por sua vizinha Kenia, a qual acaba se mudando para outra cidade. No romance, a afirmação de sua sexualidade se mostra como algo natural ser lésbica.

Nessa perspectiva, observa-se que a lesbianidade não é constituída através de traumas, fases pessoais, ou rebeldia. Cassandra ao retratar Flávia com suas paixões por mulheres, demonstra a característica lésbica presente desde a infância, constituindo como algo normal. Para (Rich, 2003) a existência lésbica constrói as características e conhecimentos das mulheres que amam mulheres, que priorizam mulheres, e as tem como sua primeira orientação erótica e emocional. Sendo assim, se torna relevante quando Flávia, personagem do livro de Cassandra comenta: “o que eu quero afirmar é que em mim tudo é natural, consciente, vivo, e espontâneo. Sou definida, autêntica, honesta, mas um tanto covarde ainda” (Rios, 1980, p.45).

**Imagem 13** Cassandra Rios 1970.



**Fonte:** <https://www.historiadaditadura.com.br/post/a-maldi%C3%A7%C3%A3o-de-cassandra>

Cassandra Rios se tornou uma importante referência para minha pesquisa. Além de retratar as vivências lésbicas, que são presentes em muitas de suas obras, enfrentou um tempo de censura, ao sofrer desvantagem em sua vida social, em decorrência do caráter de muitos ataques sofridos. Cassandra me mostra a importância de se expressar, ainda que tentem te calar. Quando retrato o corpo nu sem amarras, expondo a liberdade de se expressar livremente, além do coração exposto, fora do peito, com as raízes da resiliência que atravessam e renascem, florindo o peito, que renasce depois de longas lutas.

### 3.3 CHEYENNE LUGE

Muitas artistas abordam conscientemente questões de sexualidade em suas produções, o que contribui para importantes movimentos de visibilidade. Um exemplo dessa perspectiva é Cheyenne Luge, artista visual que desenvolveu pesquisas com ênfase na xilogravura, livro de artista e questões de gênero. Em uma entrevista para o site *Interartive*<sup>23</sup>, Luge comenta:

“Ainda na graduação surgiram personagens sem distinção de gênero, algo que confundia, isso funcionou como um dispositivo para refletir sobre gênero e sexualidade. Hoje entendo essa guinada para os estudos de gênero como uma tentativa de compreender o fato de que, naquele momento, não conseguia me ver como uma mulher. Apesar de não ter uma performance masculina, minha cabeça não correspondia ao gênero atribuído a mim, percebia que era ou como um homem ou como algo ainda sem nome. Desde então passei a trabalhar e investigar o que é/faz ser mulher e quais comportamentos fazem com que a sociedade me aceite ou não como uma. E no decorrer dessa pesquisa fui me empoderando e me assumindo enfim como uma mulher, aprendendo com outras mulheres que não deveríamos nos sentir “menos” mulheres por não corresponder às normas impostas pela sociedade.”

Quando as expectativas de feminilidade são colocadas como um padrão inatingível, muitas mulheres sofrem pressão e ansiedade para se encaixarem nesses moldes. Ao analisarmos a história da representação da mulher nas artes, não é raro percebemos a predominância de imagens estereotipadas, que restringem a feminilidade a um conjunto limitado de características. No entanto, o cenário atual tem revelado uma série de obras de artistas que buscam romper com essas amarras e questionar os padrões preestabelecidos. A autora Blanca trás uma reflexão sobre estes aspectos a partir do trabalho de Luge:

Em um contexto de arte contemporânea, a artista visual Cheyenne Luge desenvolve pesquisas com ênfase na Xilogravura e Livro de Artista abordando temas ligados ao gênero, sexualidades e identidades. Ao trabalhar com o empoderamento de lésbicas através da apropriação de termos originalmente criados para excluir esses sujeitos, sugere alguns questionamentos como: o que é ser lésbica? Por que se auto afirmar? Como reagir à invisibilidade? (Blanca, et al., 2016, p. 94).

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://interartive.org/2016/10/entrevista-cheyenne-luge> Acesso em 30 out. 2023

Nesse contexto, um conjunto cada vez maior de artistas busca romper com as expectativas tradicionais, desconstruindo o conceito de feminilidade e de gênero. Através de suas produções (imagens 14 e 15), elas exploram temáticas que questionam a visão convencional sobre o que é ser mulher, trazendo à tona experiências e perspectivas ainda pouco exploradas. Essas produções desconstruem a ideia de que a feminilidade é sinônimo de fragilidade. As produções de Cheyenne Luge ressaltam a força, e a coragem presentes em sua vivência, questionando as normas sociais.

**Imagem 14 Fuja da Caixa II**



Fonte: <http://www.nacasa.art.br/v2/sem-categoria/cheyenne-luge>

Imagem 15 Caixa Marcada I



Fonte: <http://www.nacasa.art.br/v2/sem-categoria/cheyenne-lug>

### 3.4 ANNE SANTOS

A indústria cultural muitas vezes ignora ou subestima o trabalho de mulheres artistas, tornando difícil para elas obterem reconhecimento e atingirem um público mais amplo. Além disso, as mulheres contemporâneas estão utilizando uma variedade de linguagens para expressar sua arte.

Anne Santos (imagem 16), outra artista com maior produção na linguagem da música, lesbofeminista, e ativista pelos direitos de lésbicas desfeminilizadas, é fundadora do “Desfeminilizei”, projeto social que busca trazer ao público visibilidade e letramento sobre lésbicas desfeminilizadas. Anne e muitas outras mulheres do meio artístico, reivindicam o seu lugar na produção artística contemporânea, colocando em xeque os estereótipos de gênero e abrindo caminhos para uma nova interpretação da identidade feminina.

Ao desafiar as convenções de gênero, essas artistas encorajam uma reflexão mais ampla sobre as normativas que regem a sociedade. Observamos que a representação da mulher tem se transformado, rompendo com estereótipos e buscando ampliar as possibilidades de expressão feminina. As mulheres desfeminilizadas tem sido protagonistas nessa transformação, explorando temas e técnicas que questionam e desconstruem as limitações impostas pelo patriarcado (imagens 16, 17 e 18).

**Imagem 16 – Ilha de Safo**



Fonte: <https://www.instagram.com/desfeminilizei/>

**Imagem 17** Reprodução do Instagram 1

01

*EU FALO PARA AS QUE SÃO IGUAIS A MIM.  
LÉSBICAS CAMINHONEIRAS, FANCHAS DESFEMINILIZADAS.*

*SEI QUE VOCÊ SE SENTE INVISÍVEL E APAGADA NESSE MUNDO,  
MAS, TODAS NÓS PODEMOS SER GRANDIOSAS E TER NOSSA  
PRÓPRIA IDENTIDADE QUE DESPRENDE DO PATRIARCADO.*

*SEMPRE ESTIVEMOS AQUI OCUPANDO E REIVINDICANDO  
NOSSO LUGAR. SOMOS FÊMEAS FORTES E MULHERES  
POTENTES INVADIDAS PELA TEORIA DE QUE SÃO LIVRES .*

**Fonte:** <https://www.instagram.com/desfeminilizei/>

Imagem 18 Coração de Sampa

# CORAÇÃO DE SAMPA

ANNE

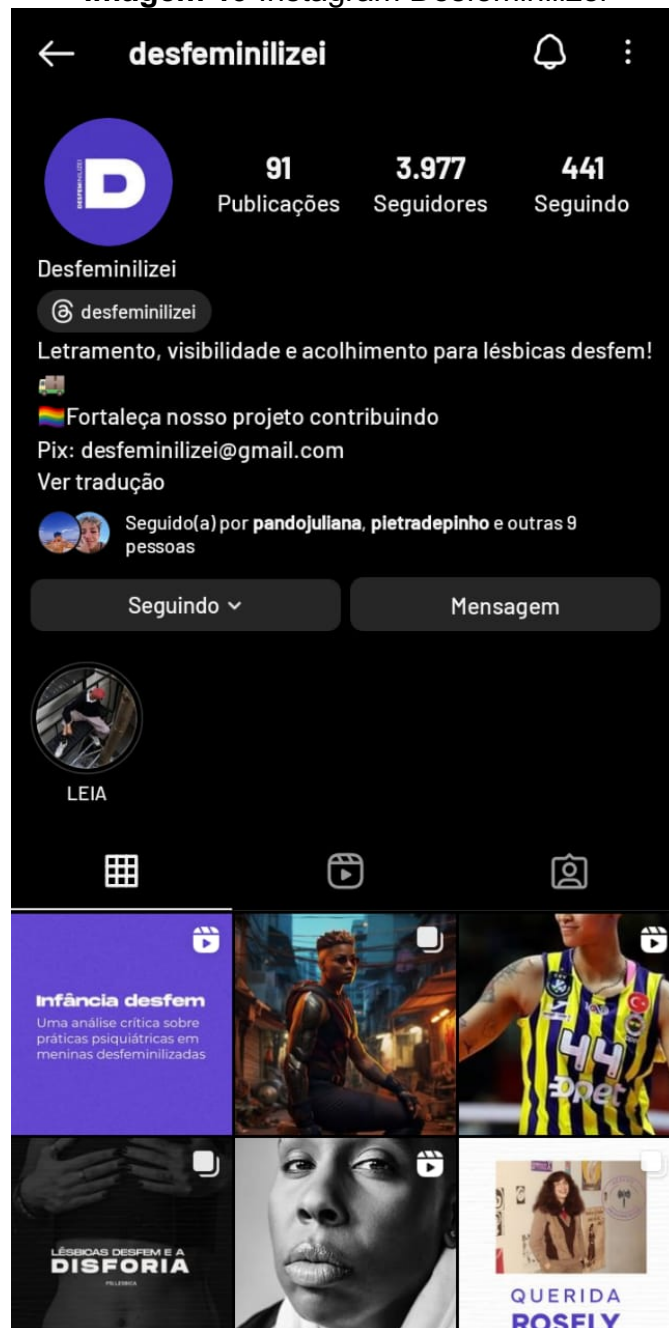
A CANTORA, COMPOSITORA E DIRETORA DE ARTE ANNE, LANÇA SEU PRIMEIRO EP DE ESTÚDIO PRODUZIDO POR HEGREGORA (ATAAREE RECORDS)

"CORAÇÃO DE SAMPA" NASCEU E "CANTA" UMA HISTÓRIA DE AMOR ENTRE DUAS MULHERES EM SP.

O LUTO FOI TRANSFORMADO EM CANÇÕES AUTORAIS CHEIAS DE REFERÊNCIAS DOS ANOS 90, INDIE MUSIC E MUITO AMOR LÉSBICO!

Fonte: <https://www.instagram.com/desfeminilizei/>

Imagem 19 Instagram Desfeminilizei



Fonte: <https://www.instagram.com/desfeminilizei/>

Encontrei a artista Anne Santos durante minhas pesquisas. Percebo nela e em suas produções, a resistência, traço que trago para a minha produção. Mulher negra, lésbica e feminista, que compõe canções voltadas ao meio lésbico, e que atinge de certa forma mulheres em busca de referência ou até mesmo mulheres que ainda não

se encontraram. Vejo em Anne o fortalecimento necessário pra lidar com temas que a sociedade não aceita, e acaba invisibilizando, justamente por serem contrariados, ou até mesmo por sentirem “nojo” e “ódio” de mulheres desfem. Anne trás muitas dessas questões em seu canal do Instagram (imagem 19), direcionado para o letramento de mulheres lésbicas desfeminizadas. Com toda certeza, ela está presente em minha obra, trazendo a resistência necessária pra lidar com o preconceito enraizado presente em nossa sociedade.

### 3.5 ELISA GONÇALVES

Considerando os referenciais artísticos e literários cartografados pela pesquisa, apresento *"O Corpo Desfem: Entre Movimentos Poéticos"*, (Imagens 22 e 23) produção poética que emerge de um olhar artístico que fragmenta o movimento por meio da resiliência, da resistência e de suas manifestações. Esse olhar coloca a sexualidade feminina em destaque, representando corpos que desafiam as normas tradicionais de gênero e reivindicando a liberdade de expressão.

Segundo Pierre Cabanne (1982, p. 42), ao discordar sobre a liberdade criativa, afirma: "Trata-se do confronto do pintor com a tela, do desvelamento dos mistérios das pinturas dos mestres antigos e do próprio ato de pintar, do prazer intrínseco à arte e da liberdade inerente à criação."

Ao explorar temas relacionados ao corpo lésbico, busco representar a existência e a pluralidade desses corpos, inspirando-me na liberdade mencionada pelos referenciais artísticos e por Pierre Cabanne, ao retratar o corpo através da pintura.

Minha pesquisa e obra fundamentam-se na ideia de que discutir o corpo é, inevitavelmente, discutir nossa própria subjetividade e identidade. Nas imagens subsequentes (19 e 20), é possível perceber, em minhas produções e esboços, uma presença corpórea destacada, mesmo que por vezes fragmentada. Isso remete à liberdade de expressar meu contexto e o de outras mulheres desfem, bem como à minha maneira de navegar pela perspectiva visual com certa delicadeza, algo crucial na linguagem da pintura em tela.

Podemos traçar paralelos com aspectos marcantes da obra de Cheyenne Luge, que apresenta uma visão pluralista sobre corpo e gênero. Isso também me faz pensar em Anne Santos e suas composições musicais, que exalam positividade e são peculiares para mulheres lésbicas. Além disso, destaco o projeto Desfemalizei, que aborda questões pertinentes à comunidade lésbica desfem e alcança inúmeras mulheres que se sentem representadas e acolhidas por ele. Ao mencionar Leila Pessoa, é vital ressaltar a produção da revista "Entedidas", que, para mim, tornou-se um marco representativo. As questões abordadas na revista ressoam em minha identidade, conforme se pode observar nas imagens (9,10,11 e 12).

Cassandra Rios teve uma relevância singular, conforme mencionado anteriormente. Durante a ditadura militar, ela abordou temas considerados controversos para sua época. Embora Cassandra não esteja mais conosco, suas obras e escritos enriqueceram significativamente minha produção sobre "O Corpo Desfem em Movimento". Ao longo da pesquisa e análise, encontrei diversas outras mulheres desfem que também deixaram marcas profundas na arte e na sociedade, tanto em tempos passados quanto na contemporaneidade.

Preservar a diversidade de experiências entre as mulheres lésbicas desfem é considerar que, mesmo com nossas diferenças contextuais e experiências de vida individuais, estamos ligados a estruturas opressoras, como o patriarcado, a masculinidade, o sexismo e a misoginia. Essas estruturas têm subjogado as mulheres ao longo da história.

A artista plástica, poetisa e lésbica, Maria Isabel Iorio (2019, p. 55), destaca em um de seus poemas: "Uma mulher sobre outra mulher/não é preliminar e é/histórico" (2019, p. 55).

Por outro lado, existe uma narrativa que se distancia da citação mencionada e omite a história das relações afetivas e sexuais entre mulheres lésbicas. Antes de abordar o tema do apagamento histórico, é válido refletir sobre a profundidade subjetiva que ele carrega, especialmente quando consideramos que ainda habitamos uma sociedade marcada pelo patriarcado, sexismo, misoginia, heterossexismo e racismo. Mesmo em nosso microcosmo social, vivemos em um contexto onde qualquer comportamento que não seja alinhado ou que rejeite a assimilação ao grupo

anteriormente mencionado é considerado anormal e é frequentemente marginalizado ou excluído de sua própria narrativa.

A desfeminização tem desafiado e rejeitado essas expectativas e padrões sobre as mulheres. Tais estereótipos restringem a liberdade e autonomia feminina, limitando suas escolhas e oportunidades. Ao desconstruir esses estereótipos e ampliar as possibilidades de expressão e identidade feminina, é possível romper com os grilhões da feminilidade imposta. Assim, as mulheres têm a oportunidade de explorar diferentes maneiras de se relacionar com o mundo, sem o temor de julgamentos ou limitações, permitindo-lhes serem verdadeiramente livres em sua essência. Com minha pesquisa e obra, busco promover reflexões sociais e acadêmicas sobre a sexualidade lésbica e analisar seus impactos.

Anzaldúa (2009, p. 164), em seu ensaio "*To(o) queer the writer - loca, escritora, y chicana*", declara:

Auto identificar-me é uma maneira de garantir que a chicana, a lésbica e todas as outras identidades que coexistem em mim não sejam suprimidas, esquecidas ou eliminadas. Ato de nomear é a forma como manifesto minha presença, como reivindico quem sou e como desejo ser reconhecido. Autodenominar-me é uma estratégia de sobrevivência.

A autora, ao abordar o ato de autodenominação, ressalta a resistência contínua da comunidade lésbica contra o apagamento e em favor da representação política e social.

Durante o processo criativo da obra, busquei contemplá-la em sua totalidade e sob a ótica de como perceber os assuntos poéticos lésbicos, em sua pluralidade. Enfatizei a relevância da autoria como espaço de expressão, com mulheres lésbicas narrando histórias sobre outras mulheres lésbicas. Independentemente da abordagem - seja ela política, romântica ou erótica -, essas mulheres marcam presença na arte, na literatura e na sociedade.

É essencial considerar o papel das mulheres lésbicas na história e na contemporaneidade, refletindo sobre como apreciamos suas obras, como as interpretamos e como as percebemos. Essas mulheres trazem consigo uma marca de subjetividade, e, considerando o contexto histórico e o momento atual, não podemos ignorar as estruturas de poder condicionais para silenciá-las e apagá-las. Precisamos

entender que elas não se enquadraram na concepção convencional do que a sociedade define como feminilidade. Lembro-me bem que no início do semestre em uma das atividades propostas pela professora Katiúsica Micaela, na Disciplina História da Arte, pude elaborar uma LandArt, obra em que foi o início de tudo, tal coração exposto e florindo, é o que está presente em minha obra “O Corpo Desfem: Entre movimentos poéticos.”

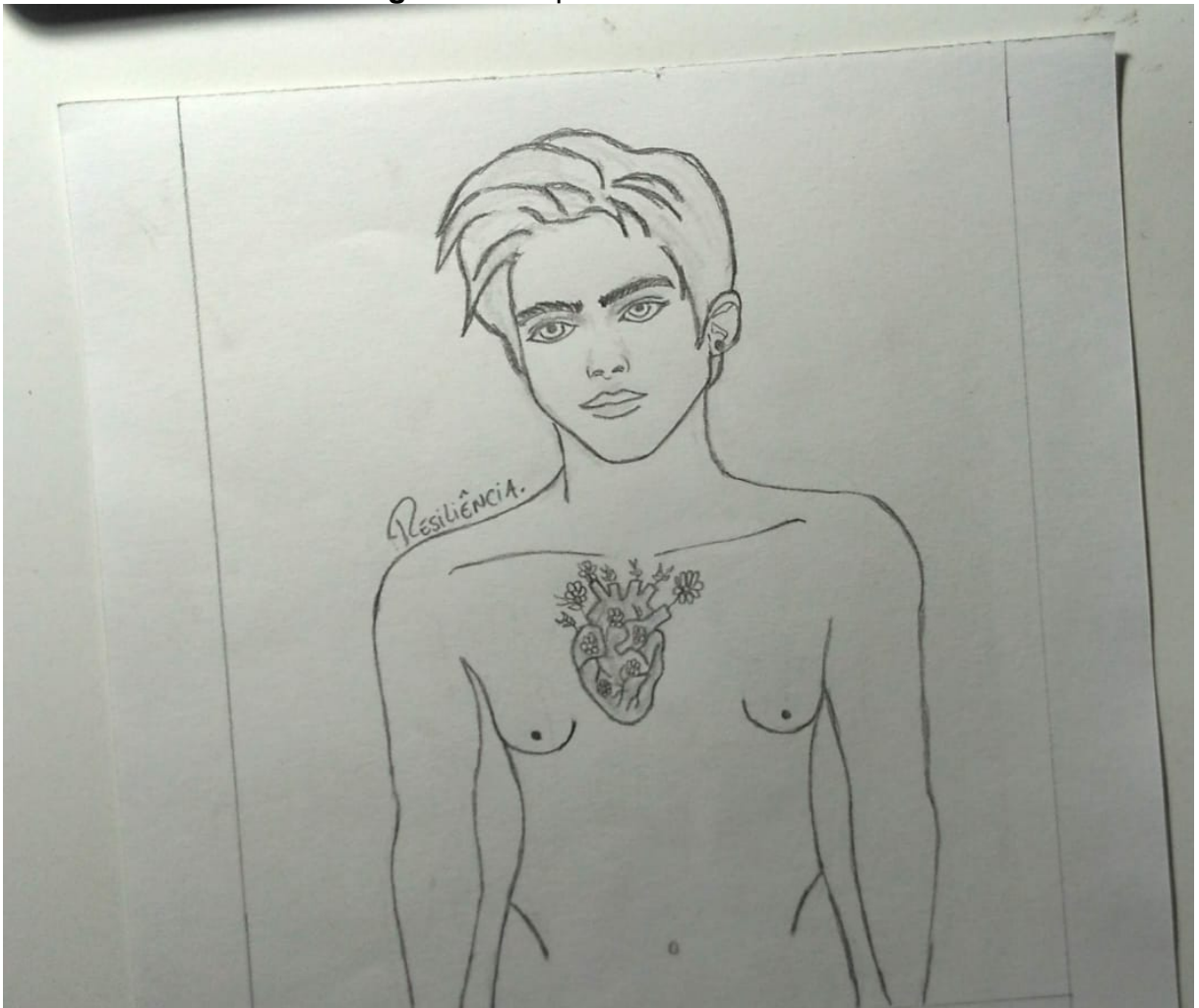
Durante todo meu percurso pude produzir em diversas outras linguagens da arte em que abordei o tema “Desfem”. Outro exemplo foi a atividade proposta pelo Professor Alan Figueiredo Cichela, na disciplina de Laboratório de Ilustração, em que produzi uma história em quadrinhos direcionada ao tema desfem. A ilustração foi intitulada como “Conversas de bar”, onde duas amigas desfem, se encontravam durante a noite, para jogar conversa fora e falar sobre a vida no meio lésbico, seus relacionamentos e sobre signos.

**Imagem 20** Um coração batendo no Mundo.



**Fonte:** Acervo da Pesquisadora

**Imagem 21** Corpo Desfem Resiliente.



**Fonte:** Acervo da Pesquisadora

**Imagem 22** O Corpo Desfem: Entre Movimentos Poéticos



**Fonte:** Acervo da Pesquisadora

**Imagem 23** O corpo Desfem: Entre Movimentos Poéticos



**Fonte:** Acervo da Pesquisadora

#### 4. CONCLUSÃO

Ao longo dessa pesquisa, apresentei diversas reflexões sobre o processo de produção da identidade lésbica. Uma das maneiras pelas quais as artistas lésbicas incorporam a desfeminização em suas obras é através da representação de corpos femininos de forma não convencional. Em vez de retratar mulheres como sujeitos idealizados da sociedade patriarcal, essas artistas frequentemente retratam corpos femininos fora dos padrões estéticos tradicionais, desafiando as noções tradicionais de beleza feminina.

A abordagem da desfeminização nessas obras também se manifesta na escolha de temas e simbolismos não tradicionais. Essas artistas exploram temáticas políticas, sociais e feministas em suas obras, frequentemente desafiando as noções estabelecidas sobre a experiência feminina. Elas utilizam imagens que buscam romper com estereótipos, tais como representações de mulheres lubrificadas pela força e resiliência, em vez de fragilidade. Essa abordagem desafia não apenas as normas de gênero, mas também a própria estrutura da arte contemporânea. Ao questionar as representações tradicionais de feminilidade, as artistas lésbicas estão questionando a própria hierarquia da arte, que historicamente privilegiou a visão masculina e marginalizou as vozes femininas.

No que diz respeito às técnicas predominantes na arte com temática lésbica, é possível observar uma variedade de abordagens. Desde a pintura à escultura, passando pela performance e pelos meios digitais, há uma pluralidade de linguagens que as artistas mulheres utilizam para expressar suas experiências e perspectivas.

Além disso, a mistura de técnicas também é comum, possibilitando a criação de obras complexas e ricas em significado. Quanto aos temas predominantes, além da sexualidade lésbica, a busca por corpos reais e diversos é uma constante nessas produções artísticas. Ao representar corpos que fogem dos padrões estabelecidos pela mídia e pela indústria cultural, as artistas estão desafiando a objetificação do corpo feminino e promovendo uma valorização da diversidade.

Ao desafiar as expectativas de gênero, essas artistas estão abrindo espaço para a multiplicidade de formas de ser mulher. Estão questionando a ideia de que existe uma única maneira correta de ser mulher e mostrando que a feminilidade pode ser construída e vivenciada de diferentes maneiras.

Essa busca pela desconstrução é especialmente marcante nas criações artísticas que abordam a temática da sexualidade lésbica. Ao se apropriar de temas relacionados à vivência e à experiência lésbica, as artistas mulheres estão ampliando a representatividade dessas vivências e, conseqüentemente, visibilizando as diversas formas de se expressar a feminilidade e o desejo. A arte, portanto, se torna um espaço de reivindicação e de subversão dos estereótipos e preconceitos relacionados à sexualidade e ao gênero, conferindo uma maior legitimidade e reconhecimento à vivência lésbica.

Ao retomar o objetivo geral da pesquisa de investigar de que maneira a desfeminização é empregada por artistas lésbicas na arte contemporânea, foi possível entender como essa abordagem específica contribui para a problematização e reflexão acerca de questões de gênero no cenário artístico. A partir de um encontro cartográfico com os referenciais artísticos e literários apresentados e aprofundados ao longo da escrita, foi possível alcançar uma compreensão mais ampliada do objeto de investigação, elucidando as diversas maneiras pelas quais as artistas lésbicas utilizam o conceito e a prática da desfeminização em suas obras.

No que tange aos objetivos específicos, a pesquisa analisou como as artistas lésbicas contemplam o conceito e a prática da desfeminização em suas produções artísticas, observando-se que muitas delas abordam a temática de forma crítica e reflexiva, desafiando normas e padrões estabelecidos. O estudo investigou ainda a maneira pela qual a desfeminização, quando feita por artistas lésbicas, confronta e desafia as concepções tradicionais de gênero presentes na arte contemporânea, e os resultados indicaram que a desfeminização é um tema relevante para alargar, questionar e redefinir normas de gênero nas produções artísticas. O trabalho avaliou ainda o impacto da desfeminização na ampliação da representatividade e visibilidade da diversidade de expressões de gênero na arte contemporânea. Com base nos resultados, ficou evidente que as obras desses artistas têm uma influência significativa

no cenário artístico e na sociedade, promovendo uma maior inclusão e representatividade. Por fim, o estudo mapeou os temas e técnicas predominantemente nas obras de artistas lésbicas que abordam a desfeminização. Esta etapa permitiu identificar padrões, semelhanças e diferenças nas abordagens, fornecendo uma visão mais ampla e diversificada da temática na arte contemporânea. Ao considerar os objetivos específicos, esta pesquisa contribuiu significativamente para a compreensão da desfeminização na arte contemporânea, ressaltando a importância das perspectivas e vozes de artistas lésbicas no panorama artístico atual.

No entanto, é importante ressaltar que a arte e as artistas lésbicas ainda enfrentam desafios e obstáculos para se fazerem ouvir e reconhecidos. A lesbofobia muitas vezes se manifesta na marginalização das obras de arte lésbicas, seja através de censura, falta de financiamento ou rejeição do público geral. É fundamental que sejamos conscientes dessas dificuldades e apoiemos ativamente a arte lésbica, promovendo sua valorização e inclusão nos espaços culturalmente dominantes.

## REFERÊNCIAS

- Amaral, Pedro. **Meninas más, mulheres nuas**: as máquinas literárias de Adelaide Carraro e Cassandra Rios. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2017.
- André, Paula. “A Lição da Pintura pela Pintura. Variações; Paráfrases; Apropriações; Citações”. *Varia Historia. Revista de Historia*. 2008.
- Anzaldúa, Gloria. **To(o) queer the writer - loca, escritora, y chicana**. In: Keating, AnaLouise (Ed.). *The Gloria Anzaldúa reader* Durham: Duke University Press. 2009.
- Araújo, S. **Mulheres**: Outsiders na História da Arte. XII Congresso Nacional de Educação. Paraná, 2015.
- Auler, Livia Bittencourt. **Mulheres que amam mulheres**: Uma Investigação na História das Artes Visuais. In: VII Seminário Corpo, Gênero e sexualidade, do Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade , VII e III. 2018, Rio Grande. Anais Eletrônicos: Organizadoras Paula Regina Costa Ribeiro...[et al] Rio Grande : Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <<http://www.7seminario.furg.br/p>>.
- Ayres, Carla. **Florianópolis pode ter o dia Municipal de Enfrentamento ao Lesbocídio**. Disponível em: <https://carlaayres.com.br/2023/04/13/florianopolis-pode-ter-o-dia-municipal-de-enfrentamento-ao-lesbocidio/> Acesso em: 19 de outubro de 2023.
- Bardwick, Judith M. **Mulher, Sociedade, Transição**: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto-realização alteraram as nossas vidas. São Paulo: DIFEL, 1981.
- Beauvoir, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.
- Beauvoir, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 2 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- Bernardes, Thais. Casos de lesbocídio crescem 237% no Brasil. **Notícia Preta**, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://cutt.ly/4jniE0Z>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- Blanca, Rosa Maria; Entre o visual, o musical e o escrito: poéticas das divergências. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**. Salvador, v. 1, ed. 4, 17 jan. 2016.
- Cabanne, Pierre. **El siglo de Picasso IV**. Madrid: Ministerio de Cultura, 1982.
- Chadwick, Whitney. **Women, Art, and Society**. London: Thames & Hudson, 2012.

Cortes, G. R. **Centro de referência da mulher: violência contra mulheres e informação.** InterScientia, João Pessoa, v.2, n.3, p. 99-119, set./dez. 2014.

Egea, Pili. A idade madura (L'Age Mûr-1899). **História da Arte.** Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/la-edad-madura>\_Acesso em: 30 de outubro de 2023.

Gomes, E. R. A.; Fehlberg, J. **Lesbofobia: a construção de um novo conceito.** Psicologia em Foco, Aracaju, v. 4, n 1, jul./dez. 2014.

Herrera, H. **Frida, a biography of Frida Kahlo.** New York: Perennial Library. 2002. p. 317.

Iorio, Maria Isabel. **Aos outros só atiro o meu corpo Bragança Paulista, SP:** Urutau. 2019.

Irigaray, Hélio Arthur Reis. **Estratégia de Sobrevivência dos Gays no Ambiente de Trabalho.** Anais do XXXI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. Rio de Janeiro, ANPAD, 2007.

Irigaray, Hélio Arthur Reis; Freitas, Maria Ester de. **Sexualidade e Organizações: estudo sobre lésbicas no ambiente de trabalho.** Organizações e Sociedade, Salvador, v. 18, n. 59, p. 625-641, out./dez. 2011.

Lorde, Audre. **Textos escolhidos de Audre Lorde.** [S.l.]: Heretica Edições Lesbofeministas Independentes, [2012], 22 p. Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras\\_digitalizadas/audre\\_lorde\\_-\\_textos\\_escolhidos\\_portu.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/obras_digitalizadas/audre_lorde_-_textos_escolhidos_portu.pdf) Acesso em: 30 abr. 2023.

Lorde, Audre. Zami: **A New Spelling of My Name.** Persephone Press, 1982.

Michel, M.H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.** São Paulo: Atlas, 2005.

Miskolci, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica de normalização.** Dossiê: Sociologias, Porto Alegre, v. 11. n. 21, p. 150-182 jan./jun.2009.

Molinier, Pascale. Welzer-Lang, Daniel. **Feminilidade, masculinidade, virilidade.** In: Hirata, Helena. *et al.* (orgs.) Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.101.

Moraes, Eliane Robert; Lapeiz, Sandra. Cassandra Rios, popular e maldita. **Revista Mulherio**, ano III, n. 14, jul/ ago 1983, p. 10.

- Nochlin, Linda. **"Por que não houve grandes mulheres artistas?"** [1971]. Edições Aurora: 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>
- Perrot, Michele. **Os silêncios do corpo da mulher**. In: Matos, Maria Izilda S. de. Soihet, Rachel. (orgs.) O corpo feminino em debate. São Paulo: UNESP, 2003. p. 13.
- Rich, A. Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. **Revista Bagoas**. Natal, v.4, n.5, p.17-44, jan./jun. 2010.
- Rich, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Journal of Women's History**, vol. 15, no. 3, 2003.
- Rios, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- Rios, Cassandra. **Um escorpião na balança**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1960.
- Rios, Cassandra. **Um escorpião na balança**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1960.
- River's, Oliver. **Andra, traição sexual**. São Paulo: Gama, 1980.
- Rivier, Clarence. **Sonho de viúva**. São Paulo: Gama, 1980.
- Rocha, Liliane. Diversidade, Representatividade e Percepção – Censo Multissetorial da Gestão Kairóis. **Gestão Kairos**. Disponível em: <https://gestaokairos.com.br/publicacoes/diversidade-representatividade-e-percepcao-censo-multissetorial-da-gestao-kairos-2/> Acesso em: 19 de outubro de 2023.
- Saffioti, H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- Santos, Anne. A Realidade da Lésbica Desfem no Mercado de Trabalho. **Espaço do povo**. Disponível em: <https://www.espacodopovo.com.br/artigo/a-realidade-da-lesbica-desfem-no-mercado-de-trabalho/> Acesso em: 19 de outubro de 2023.
- Santos, J. P.; Bernardes, N. M. G. **Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas**. Psicologia e práticas sociais. Rio de Janeiro, p. 289-296.2008.
- Saunders, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 7. Salvador, p.102-116, 2017.

Silva, Luis Guilherme Galeão; Alves, Mario Aquino. A Crítica da Gestão da Diversidade nas Organizações. **Revista de Administração de Empresas**, Brasil, v. 44, n. 3. p. 20-29, jul./set. 2004.

Souza, Simone Brandão. **Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade**. Cadernos de Gênero e Diversidade, v. 4, n. 2, p. 134-143, 2018.

Swain, Tania Navarro. **Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 12, p.109-120, 1999.

Vieira, Kyara Maria de Almeida. **“Onde estão as respostas para as minhas perguntas”?**: Cassandra Rios - a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955-2001). 2014. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2014.

Woolf, Virginia. **“Um teto todo seu”**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Wittig, Monique. **The Straight Mind and other Essays**. Boston: Beacon, 1992.

Zauli-Fellows, Amanda; Siqueira, Marcos Vinicius Soares. Diversidade e Identidade Gay nas Organizações. GESTÃO.Org: **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 4, n. 3, nov./dez. 2006.